



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDCI
CENTRO DE ESTUDOS EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA
E SEXUALIDADE DIADORIM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO DE EDUCADORAS (ES)**

CAMILA BONIFÁCIO SANTOS DE JESUS

**NEGRIFICAR: uma pedagogia negro referenciada nas aulas de teatro no
ensino público estadual**

SALVADOR

2019

CAMILA BONIFÁCIO SANTOS DE JESUS

NEGRIFICAR: uma pedagogia negroreferenciada nas aulas de teatro no ensino público estadual

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras (es) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho

SALVADOR

2019

CAMILA BONIFÁCIO SANTOS DE JESUS

NEGRIFICAR: uma pedagogia negroreferenciada nas aulas de teatro no ensino público estadual

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras (es) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em: 13/09/2019

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho
Universidade do Estado da Bahia



Profa. Dra. Claudia Pons Cardoso
Universidade do Estado da Bahia



Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo
Universidade Federal do Sul da Bahia

Ao tempo, por me dar um pouco mais de tempo. Obrigada axé!

AGRADECIMENTOS

A Olorum (Deus), orixás, encantadas e encantados que me protegem e regem.

A Mainha (Neide Bonifácio) que sempre me ensina, mesmo quando ela acredita que quem está ensinando sou eu.

A orientadora Carla Meira, Carlinha, antes apenas colega de profissão, congressos e aventuras, que sempre foi paciente em meio aos problemas pessoais que atrapalhavam o processo da escrita e que constantemente me incentiva ao doutoramento e ingresso no ensino superior. Gratidão!

A Escola Dom Avelar Brandão Vilela por me acolher como docente, respeitando e acreditando no meu ser artístico pedagógico de educar. E principalmente aos que colaboram para que o Negrificar resista.

A CEGRESFE/DIADORIM/UNEB que não só me selecionou, mas contribuiu imensamente na minha formação continuada através das e dos docentes e colegas que me ensinaram através dos seus acertos e equívocos, dentro e fora da sala de aula e/ou ambiente virtual.

A Profa. Dra. Claudia Cardoso que aceitou compor minha banca sem hesitar, que Xangô continue sendo justiça em seus caminhos.

Ao Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo, meu Zé, que se sentiu honrado pelo convite à banca, quando na verdade a honra é puramente minha. Você é paz ainda que esteja no “front”; você me inspira a não desistir.

As minhas e meus estudantes – bênçãos (risos) – atuais e que já estão em outros ciclos, responsáveis de fato e de direito pelo meu desafio cotidiano de ser professora-pesquisadora de escola formal pública nordestina, chorando, gritando, sofrendo, mas ainda assim sorrindo, acreditando e resistindo. Amo vocês do meu jeito chato.

Aos que não acreditaram que eu resistiria, por que eu habito onde o mal não me alcança, eu não ando só. Muito obrigada às tão pouca e verdadeiras amigas que não me deixaram desistir de continuar a viver.

As minhas aulas práticas com a professora de teatro Camila, durante quatro anos, nos capacitou a subir nos palcos escolares, nos motivando a dar sempre o nosso melhor e fazer um ótimo espetáculo. Ela ajudou a vencermos nossos medos e vergonhas em palco e mostrou principalmente que o teatro vai muito além do que só atuação, hoje em dia, tenho um desempenho e desenvoltura melhor no meu colégio atual. Ela sempre com seu carisma e personalidade incrível, vem cativando seus alunos que independente de qualquer dificuldade “o espetáculo não pode parar”.

Andrei, ex-estudante da Escola Dom Avelar (Depoimento escrito em 2019, enviado pela irmã que ainda estuda na escola)

RESUMO

JESUS, Camila Bonifácio S. **NEGRIFICAR: uma pedagogia negroreferenciada nas aulas de teatro no ensino público estadual**. 2019. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização de gênero, raça/etnia e sexualidade na formação de educadoras/es). Departamento de Educação [Diadorim/UNEB], Salvador.

Neste trabalho trouxe minha pesquisa cotidiana como professora na disciplina de Artes/Teatro que envolve a pedagogia do **Negrificar**. Criado e coordenado por mim como projeto, mantido e fortalecido pela comunidade escolar como um programa, segue com estudantes das séries finais do ensino fundamental II do turno matutino na Escola Dom Avelar Brandão Vilela, escola pública localizada na periferia de Salvador. O **Negrificar** tem como objetivo principal, trazer os aspectos do ser negra e negro no Brasil de hoje a partir de um olhar protagonizado pela juventude. Este trabalho, desenvolvido como estudo de caso, analisou os sete anos de existência do **Negrificar**, a partir das aulas de teatro teóricas e práticas que proporcionam aos estudantes revelar seus marcadores sociais, a partir de ações artísticas transformadoras de libertação das opressões sofridas.

Palavras-chave: Negrificar. Pedagogia. Escola. Teatro. Juventude.

ABSTRACT

JESUS, Camila Bonifácio S. **NEGRIFICAR: uma pedagogia negroreferenciada nas aulas de teatro no ensino público estadual**. 2019. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização de gênero, raça/etnia e sexualidade na formação de educadoras (es)). Departamento de Educação [Diadorim/UNEB], Salvador.

In this paper I brought my daily research as a teacher in the Arts / Theater discipline that involves the teaching of Negrificar. Created and coordinated by me as a project, maintained and strengthened by the school community as a program, it follows with students from the final grades of elementary school of the morning shift at Dom Avelar Brandão Vilela School, a public school located on the outskirts of Salvador. Negrificar has as its main objective, to bring the aspects of being black and black in Brazil today from a look led by youth. This work, developed as a case study, analyzed the seven years of existence of Negrificar, from the theoretical and practical theater classes that allow students to reveal their social markers, from transformative artistic actions of liberation from the oppressions suffered.

Keywords: Blacken. Pedagogy. School. Theater. Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – UMA DAS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES DE FOTOS DAS CENAS	33
FIGURA 2 – POEMAS UTILIZADOS POR UM DOS BOLSISTAS PARA COMPOR A DRAMATURGIA.....	36
FIGURA 3 – CONSTRUÇÃO DE BONECOS PARA TEATRO DE FORMAS ANIMADAS, A PARTIR DE LENDA AFRICANA.....	38
FIGURA 4 – CENAS NO NEGRIFICAR COORDENADO POR BOLSISTA.....	42
FIGURA 5 – CONFECÇÃO DE ABAYOMI.....	46
FIGURA 6 - ALGUNS ESTUDANTES EM 2012.....	49
FIGURA 7 - PROFESSOR EVERTON, LECIONA DISCIPLINA DE HISTÓRIA, GRANDE APOIADOR DO PROJETO.	50
FIGURA 8 – CARTAZ COM IMAGENS DE PESSOAS NEGRAS.....	51
FIGURA 9 – CARTAZ QUE COMPLEMENTOU UMA DAS TURMAS EM APRESENTAÇÃO CÊNICA.....	52
FIGURA 10 – EU SOU NEGRA, EU SOU LINDA	53
FIGURA 11 - AOS MAIS VELHOS À BENÇÃO OU “BENÇA”, COMO COSTUMAMOS DIZER AQUI NO NORDESTE	54
FIGURA 12 - RESPEITO ACIMA DE TUDO	55
FIGURA 13 – A PRÓ ESTÁ NO JOGO!.....	56
FIGURA 14 – NOSSO PRIMEIRO AGRADECIMENTO TEATRAL - 2012.....	57
FIGURA 15 – APRESENTAÇÃO EM 2013	58
FIGURA 16 – MAQUIAGENS PARA UMA DAS CENAS - 2014	58
FIGURA 17 – CENA DO ESPETÁCULO: “DANDARA E ROMEU: SHAKESPEARE NO SERTÃO” - 2015.....	59
FIGURA 18 – CENA DE CONCURSO DE BELEZA/MODA - 2015.....	60
FIGURA 19 – COM ELENCO, POS ESPETÁCULO - 2012	61
FIGURA 20 – CENA DO ESPETÁCULO RESISTÊNCIA – DIREÇÃO: BOLSISTA ALAN LUÍS – SUPERVISÃO: CAMILA BONIFÁCIO - 2017....	62
FIGURA 21 – CENA COM A PARÓDIA: CHEGA, A PARTIR DA MÚSICA “CHEGUEI”, INTERPRETADA PELA CANTORA LUDMILLA -2018	63
FIGURA 22 – TRECHO DA MÚSICA ORIGINAL E TRECHO DA PARÓDIA ..	63
FIGURA 23 – CENA DO ESPETÁCULO: “MEU NOME É BRAU” - 2018	64
FIGURA 24 - CENA DO ESPETÁCULO: “MEU NOME É BRAU” - 2018.....	65
FIGURA 25 – CENAS DO ESPETÁCULO: QUEM É VOCÊ? - 2018.....	66
FIGURA 26 – ESTUDANTE DA TURMA DO 6º ANO PEDINDO AUTOGRAFO, PÓS ESPETÁCULO AO COLEGA DO 8º ANO. - 2013.....	69
FIGURA 27 – APRESENTAÇÃO DE GAROTAS, VIZINHAS DA ESTUDANTE TAÍS, QUE SE TORNOU UMA JOVEM PROTAGONISTA EM SUA COMUNIDADE E FOI COMPARTILHAR CONOSCO - 2013.....	69
FIGURA 28 – ESTUDANTE APÓS ESPETÁCULOS DO ÚLTIMO DIA DAS APRESENTAÇÕES - 2018.....	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PEDAGOGIAS ANTIRRACISTAS	20
2.1. O TEATRO E AS QUESTÕES DO CURRÍCULO	20
2.2. OS DESAFIOS EM EXECUTAR UMA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA	26
3. NEGRIFICAR	31
3.1. A ESCOLA PÚBLICA FRENTE AOS MARCADORES SOCIAIS	
3.2. DE PLANO DE CURSO AO PROJETO INTERDISCIPLINAR	43
3.3. NEGRIFICAR: SETE ANOS DE UMA EXPERIÊNCIA TEATRAL ANTIRRACISTA	50
4. ASPECTOS CONCLUSIVOS	69
5. REFERÊNCIAS	73

1. INTRODUÇÃO

O teatro para mim é o modo de expressar nosso sentimento, de perder a timidez, de aprender mais a trabalhar em grupo, conhecendo pessoas e lugares diferentes

Karoline Conceição, estudante do 9º ano, 2019.

Comumente em minhas atuações, dentro e fora da academia, me coloco como artista-educadora, licenciada e mestra em Teatro pela Universidade Federal da Bahia e atriz no cenário teatral e audiovisual baiano. Atuando há mais de 15 anos no âmbito da Pedagogia do Teatro, julgo que o Teatro pode promover uma comunicação entre as pessoas de modo a contribuir para ressignificar conceitos pré-estabelecidos que discriminem, oprimem e segregam os nossos marcadores sociais cotidianamente.

Considero necessário traçar um pouco da minha trajetória acadêmica, por acreditar que são as nossas vivências que vão conduzindo nossas novas escolhas. Assim, a escolha do curso ofertado pelo CEGRESFE-DIADORIM/UNEB – Centro de Estudos de Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade, nesse meu momento profissional se estabeleceu como um potencializador dos meus desejos existentes sobre minhas pesquisas nas áreas de raça e gênero, a partir do momento que visualizo a possibilidade de aprimorar meus estudos para um futuro doutoramento.

Desde o momento da seleção para o ingresso neste curso de especialização, deixei claro que as minhas ambições não estavam apenas em mais um título de especialista, uma vez que já acumulo outros títulos deste tipo, assim como um mestrado; o anseio estava em conseguir instrumentos para o encontro do recorte para minha futura pesquisa e também uma nova disciplina estudantil.

Ter estudado como aluna especial do mestrado, disciplinas sobre raça e gênero no Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA (2008), ingressar em um Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UFBA (2011), mas

principalmente concluir um mestrado em artes cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas também na UFBA (2012), onde minha pesquisa trata do sexismo linguístico a partir da desconstrução do mesmo através da prática teatral, proporcionou um olhar diferenciado das possibilidades que há em discutir questões sociais através do Teatro.

Minha pesquisa de mestrado foi desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, ano 2012, sendo orientada pela Profa. Dra. Célida Salume Mendonça e conduzida pelas disciplinas obrigatórias, optativas, congressos, seminários, etc. Apesar das dificuldades enfrentadas como estudante de pós-graduação sem bolsa de estudos e sendo concomitantemente professora do ensino básico com carga horária de 60hs exercidas em duas cidades distintas, ousei registrar que concluí toda a pesquisa em um ano e meio, deixando o último semestre apenas para possíveis ajustes burocráticos.

Durante todo o percurso, destaco a disciplina: Seminários Avançados I ministrada pelas Profas. Dras. Daniela Amoroso e Evani Tavares. Essas aulas tinham uma característica que muito se assemelha à prática que desenvolvo nas escolas de ensino formal que atuo que é o estudo de caso deste trabalho de conclusão de curso; as aulas sempre mesclaram os conhecimentos teóricos e práticos, tendo como condutor o trabalho corporal que permitia um melhor sentido as aulas e que complementa o entendimento dos textos teóricos.

Ainda no mestrado, com a disciplina de Estágio Docente Orientado, orientei estudantes do curso de Licenciatura em Teatro que estavam cursando o Mod. V (5º semestre), na disciplina Didática e Práxis Pedagógica I, no desenvolvimento de suas práticas em escolas públicas escolhidas pelos mesmos para desenvolver seu trabalho como estagiários. Neste semestre, era prioritário que as e os estudantes ministrassem suas atividades na rede formal de ensino público, o que foi cumprido por todas e todos que orientei, apesar das peculiaridades de cada grupo e escola.

Esta experiência como orientadora de estudantes da licenciatura proporcionou um novo olhar para a possibilidade de atuar como docente do ensino superior, pois eu deixava de me preocupar apenas com meus planejamentos e ações como docente do ensino básico, para também auxiliar pedagogicamente as futuras e futuros professores de teatro.

Mal sabia eu que este tipo de orientação se potencializaria quando eu passaria a fazer parte do PIBID/Teatro – UFBA¹, onde atuei como supervisora de 2012 – 2017 (com uma interrupção de dois anos). A experiência PIBID fortaleceu todas e todos nós envolvidos no processo de uma educação democrática e progressista, independente de qual posição ocupava neste projeto de iniciação à docência.

Considero que um dos principais resultados alcançados foi à maior segurança por parte das e dos bolsistas diante das suas respectivas turmas, pois em momentos iniciais a maioria, senão todas e todos traziam posturas e comportamentos de insegurança no trabalho, o que afetava a turma diretamente, fazendo com que as estudantes não respeitassem a figura da e do bolsista como o professora ou professor da sala.

Questão essa que com o tempo, muitas conversas e dicas, foram sendo amenizadas durante o processo, o que possibilitou um “salto” significativo no avanço das próprias turmas durante o processo teatral. Por já ter transitado como docente em todas as faixas etárias/séries do ensino básico considero os anos finais do fundamental o mais delicado no que se refere à postura das e dos estudantes frente ao docente, pois esta fase que compreende a adolescência, já traz suas peculiaridades e desafios exigindo de nós

¹ O PIBID é um Programa de Iniciação à Docência, que durante 10 anos esteve inserido também na Escola de Teatro da UFBA – bem como em outras instituições de ensino superior – onde estudantes selecionados por edital e critérios específicos terão a oportunidade de atuar como professores em escolas públicas do ensino básico, com a supervisão dos próprios professores efetivos de cada respectiva escola. Vale ressaltar que tais professores supervisores também passavam por seleção através de edital e que essa atuação promovia uma rede ampliada entre ensino básico e superior, fortalecida pela coordenação, representada por uma/um docente da instituição superior, neste caso, da Escola de Teatro da UFBA. Mais informações em: <https://pibid.ufba.br/>.

professores à postura de encarar com o máximo de segurança e autoconfiança para que de fato entendam e respeitem o local que cada um ocupa no espaço escolar.

Importante ressaltar que as e os bolsistas, estavam sempre em busca de melhorias em seus trabalhos, seja pesquisando novos assuntos que pudessem contribuir para o trabalho em sala, convidando colegas de outras áreas do conhecimento, estabelecendo um diálogo comigo em outros horários com o interesse em saber e trazer possibilidades para enriquecer suas aulas de teatro. Ter desenvolvido este trabalho gerou reverberações para que alguns utilizassem a experiência em seus escritos de resumos, artigos, participação em seminários e trabalhos de conclusão de curso.

Ter contribuído para a formação direta, de estudantes do curso de Licenciatura em Teatro representou o cumprimento da minha motivação principal em ter atuado como supervisora PIBID. Como professora da rede pública e sendo oriunda da Escola de Teatro da UFBA, notei em minha graduação a falta desta experiência de estágio na escola pública na educação básica. Vi então em programas como o PIBID a oportunidade das licenciandas e licenciandos, poderem viver a prática docente de forma supervisionada, para que descubra e redescubra ainda mais caminhos até a sua formação.

Neste sentido, passei a aprofundar minhas pesquisas trazidas como aluna especial do mestrado (CEAO/UFBA) e como aluna regular do mestrado (PPGAC/UFBA) cada vez mais não só na minha realidade pessoal como mulher negra, de periferia, artista e candomblecista, mas também como os marcadores de raça e gênero merecem minha atenção frente às minhas estudantes do ensino básico.

Pairando sobre mim as experiências citadas, encontrei neste novo curso de especialização a oportunidade de seguir com estudos mais aprofundados e específicos sobre os marcadores de gênero e raça que eu já pesquisava, mas que nesta nova oportunidade, poderia me auxiliar a traçar um melhor recorte

para uma futura pesquisa de doutoramento. Assim, participei da seleção e ingressei nesta especialização do DIADORIM/UNEB, que agora me oportuniza refletir por meio desta pesquisa minhas aprendizagens.

Segui durante o curso de forma participativa e tentando ao máximo apreender os conteúdos trazidos pelas e pelos professores, assim como pelas e pelos colegas, pois é fato que num curso de especialização como esse as aprendizagens se concretizam até mesmo pelos corredores. É importante salientar que o formato do curso (semipresencial) trouxe também grandes desafios, principalmente quanto à disciplina dos estudos para além dos momentos em sala de aula presencial, pois a maioria de nós lecionamos cotidianamente e precisamos encontrar tempo disponível e dedicação suficiente para manter uma disciplina de participação nos estudos virtuais.

Durante os meus anos como professora-pesquisadora, constatei que as minhas inquietações pessoais aliadas às inquietações de outras mulheres negras podiam ser notadas por mim também dentro da sala de aula, aliada a percepção de que através do teatro estas estudantes revelam situações de libertação e empoderamento que podem e devem ser reverberadas para além dos muros da escola, a partir de então comecei a coletar pistas, por assim dizer, do projeto que me debrucei nesta monografia que parte de uma pedagogia antirracista.

Analisar as especificidades trazidas para o ambiente educacional contribui para uma educação mais sensível, democrática e com tendências menores, senão isentas, das mais variadas formas de preconceitos. Considerando como os principais espaços de educação: família, escola e comunidade, nota-se que apesar de serem os primeiros espaços de convívio social do indivíduo, mas que diante da magnitude das suas importâncias ainda hoje se apresentam como espaços que corroboram para ações preconceituosas e discriminatórias, deve e pode ser também os principais espaços de desconstruções das mesmas.

Assim, este corpo negro que joga durante as atividades teatrais práticas assim como, nas reflexões teóricas, não pode deixar de ser percebido e refletido como um corpo, fruto dos reflexos cotidianos da diáspora, neste contexto de múltiplas identidades culturais, que são globais e locais simultaneamente.

Gênero e raça são marcadores que merecem ser tratados de forma conjunta, significando assumir que “o isolamento prejudica a percepção de complexidade, das correlações e das potencialidades entre eles” (WERNECK, 2007, p.04). Hoje reconheço que quando tratamos os marcadores sociais a partir do entendimento que operam juntos no indivíduo, considero que se torna mais eficaz a luta pelo entendimento do que significam para cada sujeito. Para tanto é preciso que a educação seja afetada nestas questões no que tange a necessidade de promover ações que colaborem para o processo de respeito, aceitação e também de contribuição para políticas públicas nesse sentido.

Entender que dentro de um processo educacional é de fundamental importância reconhecer tais marcadores sociais como algo inerente, necessário e parte integrante do indivíduo, promove ações para “quebra de tabus” e violências existente dentro e fora ambiente escolar. Os marcadores sociais precisam ser compreendidos e respeitados em suas especificidades e magnitude, o que se configura como um grande desafio enfrentado cotidianamente e que por vezes parece infundável.

Assim, considero ser papel de uma educação libertadora – tendo Paulo Freire como base por acreditar ser a mais democrática e respeitosa –, seja ela dentro ou fora dos “muros escolares” buscar ações que minimizem os impactos discriminatórios históricos que formaram essa sociedade, a fim de impulsioná-la para percorrer caminhos menos tortuosos, promovendo encontros mais afetuosos nas encruzilhadas da vida.

Acredito que os marcadores sociais existentes e reverberados em nossos corpos, só serão respeitados efetivamente, quando primeiramente nós

os aceitarmos como tal, – ou transformá-lo se assim quisermos a partir também de uma decisão própria e não porque o outro impôs – compreendendo sua proporção histórica e buscando ações de libertações das opressões que são construídas culturalmente, mas que se enraízam e se naturaliza. Deixemos o nosso corpo falar. Libertemo-nos!

Na oportunidade registro que este trabalho de conclusão de curso traz um estudo de caso sobre o trabalho que venho realizando com estudantes do fundamental II da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, uma escola pública e estadual, localizada na periferia de Salvador. Escola esta que tem me oportunizado refletir sobre como as práticas de racismo e sexismo insistem em imperar dentro e fora da sala de aula, me desafiando como docente a criar estratégias de combate a estas práticas através de pedagogias antirracistas e antiseixistas.

Seguindo com os objetivos deste estudo, pretendo verificar como as ações do teatro em sala de aula têm potencializado o protagonismo juvenil frente às questões sociais e raciais, promover um entendimento sobre tais questões a partir de práticas cênicas, contribuindo para formação de agentes multiplicadores para além dos “muros da escola”.

Concluir esta especialização significará um novo passo no desenvolvimento das minhas estratégias educacionais antirracistas e antiseixistas. Portanto, para contemplar os objetivos mencionados acima, acredito ser mais do que oportuno trazer a experiência que tenho tido com estudantes do ensino fundamental II, num projeto idealizado por mim e acolhido pela escola, denominado NEGRIFICAR.

O Negrificar se tornou o cerne metodológico do meu trabalho cotidiano em sala e tem expandido possibilidades para pesquisas futuras mais aprofundadas. Para que o Negrificar culmine como projeto da escola, o tenho como cerne metodológico para a construção dos meus trabalhos durante todo o ano letivo. Denominei Negrificar como um verbo, verbo de ação que traz

como sua característica um fazer por um sujeito; expressar uma atividade. Inicialmente o ato de Negrificar significa para mim, promover atividades que tragam sujeitos, histórias, referências negras positivas, ainda tão carentes cotidianamente, a fim de revelar o protagonismo negro, por vezes ocultado, em cada jovem que vivencia a prática artística na escola.

Acredito então que se eu negrifico as minhas aulas, tu negrificarás teu pensamento, ele/ela negrificará atitudes e nós negrificaremos subvertendo o modo racista, sexista, desta sociedade opressora. Considero relevante introduzir este trabalho explanando os fundamentos teóricos que norteiam o projeto antes de esmiuçá-lo, crendo então que mais adiante será melhor à compreensão do mesmo. Saliento que a escrita do trabalho se faz permeada de depoimentos, como forma de aproximar as e os leitores do olhar que a comunidade escolar tem sobre o Negrificar. Estes depoimentos foram colhidos a partir de escritos e áudios no ano vigente, bem como em anos anteriores (principalmente nos casos das e dos bolsistas).

Deste modo, o capítulo dois trará reflexões a partir do que eu acredito como pedagogia antirracista, trazendo autores que tratam sobre estes tipos de desafios diante das questões do currículo, onde ambiente com a disciplina de Artes onde leciono teatro. No capítulo três aprofundo principalmente os meus estudos nesta especialização, que me subsidiou para melhor explicar sobre os marcadores sociais em questão, trazendo teóricos que me fortaleceram para práticas que eu já tinha de forma intuitiva a partir da minha sensibilização artística.

Seguirei mostrando como um trabalho realizado inicialmente na minha disciplina ganhou força para passar a fazer parte da pedagogia de projetos promovida pela escola, ampliando as possibilidades do olhar e do fazer educacional de maneira antirracista e antissexista. Por fim, oportunizarei através de falas, imagens e trechos de textos dramaturgicos um contato mais próximo do que vem a ser esta experiência que há sete anos – de forma sistematizada – vem me ensinando a ser uma professora cada vez mais resistente.

2. PEDAGOGIAS ANTIRRACISTAS

Fazer teatro na escola é incrível [...] o projeto Negrificar é muito especial, pois através dele aprendemos muito sobre nossas origens, aprendemos a resistir, também aprendemos um com o outro, aprendemos a deixar nossas diferenças de lado e trabalhar em equipe

Ester da Silva, estudante do 9º ano, 2019.

2.1. O teatro e as questões do currículo

O poder do currículo e de quem o conduz é imenso. Poder este que pode positivamente, ser usado para quebra de paradigmas e fortalecimento de frentes críticas emancipadoras ou infelizmente pode reforçar ações e posturas das classes dominantes. A escolha perpassa os valores éticos e morais de quem ocupa os espaços de condução dos tais currículo, não apenas no que pode estar escrito, mas principalmente no que está nítido de tantas outras formas, nos encontros e embates do que se fala se faz se sente.

Entre outras coisas, o currículo oculto ensina em geral o conformismo, a obediência, o individualismo [...] aprende-se no currículo oculto como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia (SILVA, 2010, p.79)

Ora, pois, partindo da afirmação de SILVA (2010), se o currículo oculto é tão determinante e influenciador no processo de aprendizagem, usemos então a nosso favor a possibilidade de “desocultá-lo”, para que a noção das aprendizagens destas ou daquelas formas comportamentais sejam desmitificadas. Faz-se necessário que “o currículo” seja um instrumento que encontre harmonia no que tange as necessidades das e dos envolvidos no processo escolar e as questões sociais a que estão permeadas e permeados.

Uma coesão na reflexão sobre as questões sociais e currículo, poderá contribuir para a desconstrução de ações que infelizmente reforçam

regressões, frente a conquistas tão necessárias, inclusive diante de questões de classe, raça, gênero, sexualidade, religiosidade, etc. É preciso que nós que estamos no exercício docente busquemos meios de revelar outras faces deste processo de ocultação curricular, trazida por SILVA (2010) como, por exemplo, no que tange às questões raciais.

Irônica e paradoxalmente, a tendência ideológica hegemônica na reestruturação da escola e do currículo vai à direção de reforçar valores, os conteúdos e as formas de produção e reprodução de identidades sociais que reafirmem as características mais regressiva da presente ordem social (SILVA, 2010, p. 185)

Nós professores, precisamos cada vez mais assumir a responsabilidade de reestruturação dos currículos, de modo a não reforçar a cultura hegemônica que coloca os nossos diferentes marcadores sociais como problemas e não como características a serem respeitadas. A realidade étnica brasileira, amplamente discutida às faces da multiplicidade de sua mistura, ainda se revela no cotidiano escolar como desafio constante de quebra de tabus.

Neste trabalho os marcadores sociais da diferença, são entendidos, como as diversas marcas identitárias que compõem o nosso ser, mas que na prática são vistas de maneira que está para além das diferenças, mas sim são vistas como desigualdades. Destacamos principalmente o marcador racial, mas que não pode ser pensado de forma isolada é preciso considerar que atrelado a este marcador, encontramos tantos outros, principalmente os de gênero e classe.

A postura histórica das escolas tradicionais em perpetuar o mito da democracia racial – isso quando o assunto é revelado – torna uma tarefa extremamente cansativa, para nós docentes que queremos “desvendar os olhos” das e dos estudantes começando pelo seu próprio reconhecimento étnico/racial de maneira valorizada.

As aprendizagens implícitas e que reverberam nas diversas relações da comunidade escolar são de extrema importância para a formação das e dos discentes. Portanto, nestes processos de aprendizagens há que se atentar

para as questões que permeiam as diversas identidades, e o currículo como um todo – seja o oculto ou o explícito – corrobore positivamente para a desconstrução de estereótipos, preconceitos, dentre outras atitudes que precisam ser estancadas.

É preciso reconhecer os avanços nas posturas estudantis quanto a este tema, mais ainda se tem muito que fazer. Temos estudantes que perpetuam pensamentos e posturas enraizadas pelo racismo e sexismo, sem ao menos se darem conta de tais atitudes, muitas vezes reproduzem o que trazem de casa, das mídias e dos corredores escolares. Recentemente, numa aula onde conversávamos sobre algumas letras de músicas² que tratavam da realidade do povo negro brasileiro numa perspectiva reveladora e desafiadora, um estudante disse: - *Mas professora, preto e pobre não gosta de estudar não!*

Contradizendo a seu próprio perfil, por ele ser negro, morador de periferia, estudante de escola pública e estudioso, foi chocante e até mesmo cansativo ter que trazer mais contextualizações históricas para que este estudante pudesse minimamente compreender a configuração da trajetória do povo negro brasileiro. Tentar em poucos minutos fazer o mesmo compreender que o processo escravagista foi violento e que não garantiu ao povo negro escravizado acessibilidade ao ensino básico, profissional e acadêmico, e que reverbera até os dias de hoje. Explicar que o povo negro precisa triplicar os esforços, dedicação e exigência em políticas públicas, maiores e eficazes, para ascender e ser respeitado como ser humano em nossa sociedade, racista, sexista que insiste em perpetuar como verdade absoluta o princípio da meritocracia.

Ainda em meio a minha fala e de demais estudantes, após a fala do estudante destacado acima, o mais revelador foi ouvir uma estudante falar em tom de voz baixo com a colega: - *Oxe! Ele acha que ele é branco é?*

Considero revelador e reconfortante, pois, a estudante em questão já participa ativamente do Projeto Negritizar e conseguiu refletir sobre: como esta

²Etnia–Nação Zumbi; Olhos coloridos–Sandra de Sá e Carne–Elza Soares. Turma de 9º ano (14 a 17 anos)

pessoa negra não se reconhece como tal e tem esse tipo de postura? Pois então, está posto mais um desafio docente, o trabalho constante em expor para as e os estudantes as suas múltiplas identidades reveladas nos seus marcadores sociais, mas que nem sempre eles próprios conseguem ou desejam assumir.

Retomando o que Tomaz Tadeu traz, sobre o currículo oculto, me permito um espaço de reflexão sobre a responsabilidade do que compõe os currículos de forma direta e indireta. As aprendizagens implícitas e que reverberam nas diversas relações da comunidade escolar são de extrema importância para a formação das e dos discentes. Faz-se necessário que “o currículo” seja um instrumento que encontre harmonia diante das necessidades, das e dos envolvidos no processo escolar e as questões sociais a que estão permeadas e permeados.

Uma eficaz coesão nas reflexões sobre as questões sociais e currículo poderá contribuir para a desconstrução de ações que infelizmente reforçam regressões, frente a conquistas tão necessárias diante de questões de raça, por exemplo.

A dinâmica brasileira das relações raciais materializa, em toda a sociedade, uma lógica de segregação amparada em preconceitos e estereótipos raciais disseminados e fortalecidos pelas mais diversas instituições sociais, entre elas: a escola, a Igreja, os meios de comunicação e a família, em especial. (CAVALLEIRO, 2005, p.67)

Permitir que a sala de aula torne-se um espaço de reflexões e desconstruções de “ocultações curriculares”, significa trabalhar numa perspectiva pedagógica antirracista. Os estereótipos raciais evidenciados por CAVALLEIRO (2005) precisam ser discutidos e combatidos no ambiente escolar, para que essas ações antirracistas se ampliem para os outros espaços sociais das e dos estudantes.

Creio que uma pedagogia antirracista está para além do entendimento sobre questões raciais e possíveis discussões em sala sobre o tema, mas sim em trazer à tona e encontrar meios de desconstruções racistas no cotidiano da

sala de aula de modo que tais ações colaborem para a formação moral dos indivíduos, contribuindo assim, para novas possibilidades de formação cidadã politizada de nossas e nossos estudantes, sobre tais aspectos.

Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os (as) alunos (as) negros (as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles (as) da escola, ou ainda, para os (as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial (CAVALLEIRO, 2005, p.69)

Que o racismo ainda está presente em nossa sociedade brasileira, parece até enfadonho afirmar, mas não é. Ainda estamos numa sociedade que mascara a presença do racismo e na escola não é diferente. É preciso saber ouvir e ensinar o local e poder de fala destas e destes estudantes – principalmente negras e negros – para que possam não apenas sobreviver no ambiente escolar, mas principalmente para que consigam viver dignamente em qualquer ambiente. Ainda permeados, de um modo geral, por uma educação de perspectiva eurocêntrica, faz-se necessário de maneira urgente revelar para nossas e nossos estudantes que o lugar de subalternidade que a sociedade tenta nos colocar/manter pode e estar chegando ao fim, pois resistimos e resistiremos.

Educar nossas e nossos estudantes com ações antirracistas é também educar contra os padrões construídos e ainda perpetuados acerca do lugar da pessoa negra socialmente é possibilitar ações contra hegemônicas que nos segregam, e nos matam diariamente. Deste modo, escolho para compor meus currículos propostas que contemplem não apenas os conteúdos artísticos importantes para o processo de arte-educação, mas principalmente sigo em constante modelagem com o mesmo, nutrindo-o das necessidades e anseios que as e os estudantes me trazem.

Deste modo, entendo a prática pedagógica, a partir do artigo da Profa. Dra Amélia Franco (2016, p.536), onde ela afirma que “uma prática pedagógica [...] configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo”, considero uma

das principais “armas” para transformação das desigualdades as nossas escolhas curriculares. Amplio a colocação, entendendo como currículo tudo aquilo que preenche o processo de aprendizagens dentro e fora da sala de aula, assim, desde a roupa escolhida para aula até os textos, músicas, imagens, etc., dentre as tantas intervenções que nos permitiremos fazer a partir dela.

Dar conta de potencializar as diferenças requer de nós uma constante sensibilidade nas relações interpessoais. Promover cada vez mais espaços de vivência e possibilidades de atenção, cuidado e afeto à outra ao outro, sempre foi um dos meus grandes desafios cotidianos em sala de aula. Buscar num “comentário de um estudante” que tenderia a insinuação ou acusação para motivo de “chacota”, a oportunidade para rapidamente desconstruir esta ação e trazê-la para outro campo; outro olhar e reflexão.

Às vezes um simples comentário: - Sim, e daí? Qual o problema dele/dela ser assim? O que muda na sua vida? E por vezes, estas aparentemente simples intervenções caminham para um novo rumo de se perceber e perceber a outra pessoa respeitando diferenças, por exemplo.

Apesar dos avanços que temos frente às questões raciais, nós que estamos na base da pirâmide social e concomitantemente no “front” da sala de aula, temos a dimensão do quanto ainda é difícil tratar de questões que envolvem os nossos marcadores sociais. Na maioria das vezes, diante de estudantes desmotivados ao exercício da constante aprendizagem e muitas vezes meros reprodutores de uma lógica social embranquecida, racista, sexista, machista, dentre tantas outras dolorosas ideologias.

A crença de que os conteúdos artísticos precisam dialogar com a realidade cotidiana é incontestável, mas, considero um dos maiores desafios fazer com que a práxis pedagógica seja fluida, eficaz e combatente, pois diante do tema tratado neste trabalho, não basta falar sobre o “não ao racismo” é preciso promover ações antirracistas para que essas se multipliquem para além dos muros da escola, atingindo minimamente a família e a comunidade.

Segundo Beatriz Cabral (2009, p.44) “o impacto cultural de um espetáculo está relacionado quer com sua ressonância com o contexto social do espectador, que com a transgressão das formas usuais e/ou cotidianas do uso do espaço e texto”. Nesta perspectiva é importante salientar o papel da recepção teatral no projeto Negrificar – cerne deste trabalho e que será mais bem explanado no capítulo três – pois as e os estudantes que atuam cenicamente também são os próprios espectadores das cenas das e dos colegas de outras turmas. Assim, o Negrificar tenta cumprir não somente a função estética e técnica proposta teatralmente, mas também de reverberação do conhecimento adquirido em sua função política e poética frente às questões raciais.

2.2. Os desafios em executar uma pedagogia antirracista

É nítido e por que não dizer assustador, como as grandes mídias continuam a “adentrar” nos ambientes das e dos jovens para incentivar a uma lógica profissional que só fortalece o sistema capitalista. Uma lógica de incentivo que sem máscaras, mostra para nossos jovens negros moradores de periferia que continuarão com subempregos sustentando a base da pirâmide social. Como educadora atuante principalmente no ensino básico preciso cotidianamente, redescobrir as possibilidades de exercer uma atividade docente com fins pedagógicos que contribuam para a formação do indivíduo como humano em sua inteireza, sapiência e capacidades diversas para ser profissionalmente o que desejar e não apenas como um novo “instrumento para o mercado de trabalho”.

Segundo (FRANCO, 2016, p. 538) “a educação, rendendo-se à racionalidade econômica, não mais consegue dar conta de suas possibilidades de formação e humanização das pessoas”, ir contra esta racionalidade econômica, configura-se como um dos meus desafios diários, o que não é uma tarefa fácil frente à situação nacional que vivemos que corrobora com um processo de desmonte da educação formal pública aliada a uma

descredibilização histórica, que nós da disciplina de Artes/Teatro, enfrentamos por décadas.

Para tanto, como professora de teatro, busco revelar as potencialidades artísticas das e dos estudantes, num processo muitas vezes de “expurgar” artisticamente situações opressoras ocultadas e silenciadas, que geram desigualdades, como possibilidade de dar forças para estas sejam transformadas na “vida ficcional” a fim de também ganharem o lugar de força e libertação na “vida real”.

Pensar uma proposta pedagógica antirracista pode parecer algo simples no que paira sobre o imaginário de muitas e muitos educadores, no entanto, quando trago este termo quero refletir sobre algo que está para além das discussões pontuais sobre racismo, discutir a partir de uma pedagogia cotidiana que envolve a complexa situação do que é ser pessoa negra no Brasil de hoje. Provoco-me sobre o pensar, mas está intimamente atrelado ao executar; pôr em prática; encontrar estratégias de trazer estas questões à tona para que sejam desmistificadas e debatidas.

Dentre os elementos estruturais apontados por Eliane Cavalleiro (2004), começaríamos o nosso desafio acerca das questões do currículo, entendendo o currículo como potente interlocutor dos processos de aprendizagens que traz em si o que será ensinado, mas também que precisa estar aberto aos ensinamentos que muitas vezes se apresentam como necessários a serem discutidos em sala e que aparentemente “fogem” da programação da disciplina em questão.

Segundo, GOMES (2001, p.83), “pensar a articulação entre educação, cidadania e raça significa ir além das discussões sobre temas transversais ou propostas curriculares emergentes”. Assim, cabe a nós professores utilizarmos o currículo a favor das necessidades que reconhecemos no cotidiano escolar e não enrijecê-lo. Se precisarmos compreender quais são de fato as emergências sociais que se tornam educacionais, afirmo que o racismo é uma delas.

Diante do exposto, encontrar as estratégias de lecionar frente a esta pedagogia ainda é uma tarefa desafiadora a partir de simples coisas, como a escassez em materiais didáticos e formação docente capacitada para tal. Sim, no momento atual há diversas ações afirmativas que tem contribuído para a formação docente, mas será que os materiais disponibilizados e a maneira como as formações ocorrem tem um olhar sensível à prática com estudantes do ensino fundamental, por exemplo?

Trago este questionamento como docente que leciona no ensino fundamental na disciplina de Artes, nesta disciplina para tratar dos conteúdos programáticos previstos às respectivas idades/séries tendo que a todo o momento incluir as demandas que envolvem nossas questões cidadãos como é o caso das questões raciais. Mas, tal “liberdade” para tratar deste e de outros assuntos são na verdade encontros e necessidade de fortalecimento cotidiano, afinal a escola também precisa ser um espaço de conscientização cidadã e esta opera de modo diferente entre estudantes e professores negros e não negros.

Se, “a construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso inclui as diferenças raciais (GOMES, 2001, p.87)” é preciso reconhecer as diferenças existentes no cotidiano escolar de maneira sensível, para que seja possível reconstruir uma história partindo de um imaginário social não escravocrata, pois são heranças como essas que por vezes limitam educadores na construção de novas práticas educacionais.

Reconhecendo as diferenças existentes em cada realidade escolar, preciso salientar as semelhanças no que tange à carência de materiais, formadores e desejantes à formação quando tratamos da escola pública soteropolitana. A escola tem se apresentado como um recorte da nossa sociedade brasileira – pensando de maneira macro – e com isso carrega consigo “ranços” racistas que precisam ser destruídos.

Considero como parte da nossa profissão docente, estimular a criticidade das e dos estudantes, diante dos marcadores sociais que nos

diferenciam e nos definem, mas como trazer essa perspectiva se na própria formação docente existem várias lacunas quanto a isso? Se na própria universidade – durante a graduação e pós-graduação – ainda somos rotuladas e rotulados como revoltados quando trazemos à tona esse tipo de questão? Como transformar o pensamento quanto às questões raciais se ainda socialmente o racismo é tratado como um problema da pessoa negra?

Seguindo estes tipos de questionamentos que exalto a importância de programas como o PIBID, que propõe dentre outras coisas um olhar crítico e sensível dentro e fora da universidade, que oportuniza ao estudante das licenciaturas experimentarem a docência na escola, a partir de orientações cotidianas, gerando um ganho científico e metodológico todos os setores e sujeitos envolvidos neste programa, como as universidades e os seus estudantes e docentes, a escola básica e seus atores centrais e a sociedade como um todo.

Quando me foi oportunizado ser supervisora PIBID não imagina quão rica seria minha experiência no programa e o quanto isso também fortaleceria o meu trabalho pedagógico antirracista. No entanto, o trabalho foi fortalecido por estimular também as e os bolsistas a pensar os próprios trabalhos, aliados a pensamentos como estes.

Provocar as e os bolsistas a refletir que antes de consultar qualquer teórico para embasar o seu projeto, planejamento, etc. é necessário consultar a si mesmo, buscar em si próprio as suas experiências e o “quem é você”, para que desta maneira possa ser possível abrir canais para enxergar os potenciais que cada estudante carrega consigo.

É gratificante e potente saber que o projeto Negrificar, contribui para escrita de artigos, apresentações de seminários e até mesmo objeto de pesquisa de monografia de estudantes da licenciatura em teatro que passaram por esta experiência comigo na escola pública.

Tive a oportunidade de ser convidada para integrar a banca de defesa de monografia da então licencianda e bolsista PIBID, Jussara Bacelar, sob o

título “Os ensinamentos do Candomblé: Uma abordagem a partir da pedagogia do teatro”, que em sua monografia aborda com muito cuidado e sabedoria as aprendizagens obtidas como professora de teatro e do reconhecimento do público:

A partir dos elementos do candomblé como norteador do processo pedagógico, provérbios, travas línguas, contos populares entraram como elementos integrantes na construção cênica. [...] Durante apresentação não pude deixar de observar a resposta do público, demonstrando satisfação, e ou, concordando com os textos que estava sendo dito, os pais presente demonstravam orgulho por ver seus filhos em cena, em quantos outros se mostrava bestificados. [...] O teatro possibilitou trazer para sala de aula temas polêmica de forma lúdica, principalmente quando se tratada da religião de matrizes africana que era o caso do projeto em questão, visando um ambiente interativo e cooperativo, onde os trabalhos individuais e coletivos propiciassem um desenvolvimento à sociedade a partir do indivíduo consciente, e preparado para viver em comunidade.

Fragmentos da monografia de Jussara Bacelar, ex-bolsista PIBID, 2015.

Assim,

Não basta conhecer o/a aluno/a apenas no interior da sala de aula e no cotidiano escolar. É preciso estabelecer vínculos entre a vivência sociocultural, o processo de desenvolvimento e o conhecimento escolar (GOMES, 2001, p.90).

Diante do alerta de Gomes e talvez por isso, e apenas talvez, o meu entendimento frente à necessidade de tratar das questões raciais no currículo não se dá apenas como algo pontual, porém compreendendo a sua dimensão complexa e cotidiana, que reconheci que o meu trabalho pedagógico precisava se fortalecer frente à comunidade escolar, dando início então ao Projeto Negricular.

É importante ressaltar desde já que o entendimento de que minha pedagogia cotidiana trata-se de uma pedagogia com perspectiva antirracista, dada pelo meu amadurecimento profissional, pois mesmo antes do Projeto Negricular se estabelecer e ganhar espaço no Projeto Político Pedagógico da escola – ainda que informalmente – ao longo da minha trajetória docente o tratamento com as questões raciais e de gênero sempre foi presente, mas de forma pontual em minha disciplina.

3. NEGRIFICAR

O Negrificar era como um desafio, mas um desafio gostoso de fazer, falar um pouco sobre a real situação da nossa sociedade [...] Quando acabei o ano e descobri que iria ter que sair, que não poderia mais participar, que tudo aquilo tinha acabado fiquei arrasada, muito triste, por que eu amava aquilo, pra mim o Negrificar era a coisa mais importante que tinha na escola.

Thalita Blanco, ex-estudante da Escola Dom Avelar.

3.1. A escola pública frente aos marcadores sociais

Como professora atuante na escola pública há aproximadamente 15 anos sempre considerei a necessidade de trabalhar questões de raça e gênero em sala de aula. Inicialmente a inquietude era considerada estritamente pessoal, uma vez que meu reconhecimento identitário, frente a esses marcadores sociais, já estava estabelecido. No entanto, com a prática docente percebi que essas inquietações não poderiam ser consideradas de ordem pessoal apenas, mas também numa perspectiva de reparação histórico-social.

Percebia nas e nos estudantes a necessidade de tratar sobre estas questões que também no meu tempo de ensino básico, eram passadas despercebidas pelas e pelos docentes – propositalmente ou não. Assim, os planejamentos escolares feitos por mim passaram a incorporar intencionalmente estes estudos através da prática teatral.

O curso de especialização que me permite a oportunidade de refletir ainda mais sobre tais questões, lança luz sobre estudos que validam ainda mais teorias, atreladas às práticas já desenvolvidas. O entendimento de que os marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade, classe, dentre tantos outros, merecem e precisam ser trabalhados no cotidiano escolar, fortalece ações como a do Negrificar.

Permitir um novo diálogo sobre tais marcadores através do teatro se configura como mais uma maneira de firmar o campo de estudos das artes como área do conhecimento. O Negrificar pauta em suas ações o entrelaçar de

idéias que abarcam diversos marcadores sociais em especial o de raça, entendendo que este problema nacional é sério, cotidiano e que precisa ser combatido com ações antirracistas independente dos entraves que poderão surgir. E surgem!

Houve e ainda há resistências por parte da comunidade escolar de um modo geral, por parte das e dos estudantes, como um estranhamento inicial devido à disciplina de “Artes” tratar de tais questões e ainda por parte de alguns de outros setores da comunidade escolar, em considerar que são temas menores e de importância pontual relacionada às inúmeras datas comemorativas. No entanto falas como essa me fortalecem

Em verdade é um projeto que traz atividades lúdicas e pedagógicas no intuito de trabalhara consciência negra, mas acredito que ele vai muito mais além do que só trabalhar a consciência negra dos nosso alunos, visto que nossa comunidade é uma comunidade que tem entre 90 a 95% de negros e mestiços, mas o projeto ele trabalha muito mais com a auto estima destes alunos, com o empoderamento desses alunos e faz com que eles realmente mudem a sua percepção de se identificar enquanto ser negro no Brasil, na Bahia, em especial em Salvador, e em particular no bairro da Fazenda Grande do Retiro e principalmente se identificarem como sujeito da sua própria história, isso é muito gratificante e importante para todos nós.

Tarcisio ferreira - Diretor geral da Escola Dom Avelar Brandão Vilela –
Áudio transcrito – 2019.

Assumo que de início o trabalho era mais tímido, ocorria dentro da disciplina, em momentos específicos e atuações em sala e mesmo a contra gosto de muitas e muitos, os trabalhos acabavam envolvendo a maior parte das e dos estudantes da escola, que mesmo sem estar atuando naquele momento, saiam das outras aulas para se apoiarem entre janelas e comongós para ao menos assistir às outras apresentações³.

Com o passar do tempo na rede estadual de ensino, me tornei professora efetiva e troquei de ambientes escolares, e posso afirmar que nesta

³ Esta situação foi muito marcante numa escola pública que atuei no bairro do Lobato e que causou um grande “rebuliço”, pois outros professores não conseguiram dar suas aulas simultaneamente às apresentações artísticas, pois o interesse por parte das e dos estudantes foi redirecionando as apresentações. Infelizmente isso foi visto como o simples “filar” de aula para ver entretenimento, no entanto a maioria das e dos docentes não se interessam em ir com sua turma também apreciar e encarar como outra forma de aprendizagem.

escola trazida como meu objeto neste estudo, tive um apoio diferenciado por parte da gestão escolar ao proporcionar um mínimo de espaço, reconhecimento e recurso humano para que o trabalho da disciplina pudesse ter outra visibilidade na escola. Assim os trabalhos desenvolvidos pela disciplina de Artes/Teatro com culminância cênica no mês de novembro, saiu dos muros da sala de aula e ocupou o pátio escolar, a fim de alcançar outro nível de estudo que envolve também à recepção teatral.

A possibilidade trazida pelo fazer teatral onde se torna possível ser e estar diante do público, proporciona uma percepção mais ampliada do fazer teatral através da recepção, que não estará restrita ao produto final, mas, especialmente, durante o processo onde essas e esses jovens agirão como plateia, pois, como enfatiza Cabral (2007, p. 03), “[...] o conhecimento que se espera é que a imersão do aluno no contexto e na situação proposta o leve a perceber a complexidade da arte e das relações humanas [...]”.

Complexidade esta, entre quem faz e quem vê Teatro, que pode ser desvendada se for permitido às pessoas envolvidas a oportunidade de refletir e discutir o que foi aprendido a partir desta obra de arte apresentada e vivida. Assim, nas palavras de Desgranges,

[...] A compreensão das engrenagens sociais ampliou a consciência da sociedade sobre os seus próprios processos. O movimento artístico, dentre eles o Teatro, entrou em consonância com este momento histórico. O conhecimento dos, agora aparentes, mecanismos sociais requeria a formulação de novas concepções teatrais; a cena passou a investigar suas configurações internas, buscando linguagens que possibilitassem um diálogo efetivo com a realidade em transformação [...] (DESGRANGES, 2004, p. 12).

Esse diálogo com a realidade torna-se indispensável na compreensão do mundo através do Teatro, por isso é importante a discussão destas questões sociais, incluindo e entendendo que um processo pedagógico antirracista despertará inquietações internas que precisam ser externadas.

Deste modo, com o amadurecimento da minha prática como professora de escola pública, nomeio e trago força a um projeto intitulado Negrificar, um

projeto escolar, inicialmente desenvolvido com estudantes do ensino fundamental II de escola pública da cidade de Salvador, tendo a disciplina Artes/Teatro como principal fonte de desenvolvimento deste trabalho. O projeto se configura como parte da minha pesquisa cotidiana, no que tange os aspectos do ser negro no Brasil de hoje, mas se fortalece anualmente com a participação efetiva das educandas, educandos e da comunidade escolar, da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, compondo uma das três escolas estaduais do bairro da Fazenda Grande do Retiro, Salvador-Bahia.

Figura 1 – Uma das primeiras exposições de fotos das cenas



Fonte: Acervo Pessoal

A Escola Dom Avelar Brandão Vilela, está situada numa zona periférica da cidade, considerada dentre tantos fatores como zona de risco. Ouso compartilhar que além dos riscos do tráfico, moradias desordenadas, precariedade de transporte público e tantas outras questões, o bairro também tem um grande risco de potencializar jovens como protagonistas sociais e isso para uma sociedade que teme o pensamento crítico cidadão, sim é um grande e importante risco.

Destaco esta situação de risco, por perceber nestes oito anos de atuação na escola e 11 anos como moradora do bairro que, assim como em muitas comunidades o que é preciso verdadeiramente para o desenvolvimento de práticas educacionais e artísticas positivas é a oportunidade. O apreciar e fazer artístico ainda são espaços de privilégios na nossa sociedade, no entanto quando identifico que as ações artísticas pedagógicas vividas na escola despertam interesses multiplicadores nestes jovens, constato que o caminho de fato é transformador.

Inicialmente o projeto agrega todo o ensino fundamental II – 6º ao 9º ano – do turno matutino, uma vez que eu, professora da disciplina de artes regente, atuo em todos os seriados deste turno, mas a gestão da escola assim como eu, almejamos que os outros turnos acolham as bases do projeto e possa disseminá-lo e ampliá-lo como projeto interdisciplinar na IIIª unidade.

O **Negrificar** promove uma melhor comunicação entre atrizes/atores e personagens; palco e platéia; cena e vida cotidiana; mas principalmente entre as/os jovens negros e não negros através da vivência que se estabelece como Teatro Negro. Neste jogo real e/ou cênico, o Teatro que se faz na escola se constitui em plenitude, e reaviva aspectos históricos e estéticos, do hoje e do ontem, no jogo cênico.

Vale salientar que é a partir do ano de 2012, que faço com que o projeto ganhe maior força no ambiente escolar, pois corresponde ao momento em que eu completava um ano como professora efetiva – como mencionei anteriormente – nesta unidade escolar que leciono até hoje. Aliado a isso, passo a ter o compromisso de também fazê-lo ser importante para os projetos das pibidianas e pibidianos que passaram a fazer parte da escola que atuo. A idéia do Negrificar é compor todo o planejamento anual, servindo de alicerce às questões identitárias do sujeito, permeando todo o processo e culminando com os resultados cênicos.

O projeto PIBID foi inserido na escola no meio do ano supracitado, assim eu precisava encontrar um modo de integrá-lo com essas condições. Destaquei então no meu projeto como supervisora, a perspectiva de uma melhor

comunicação entre atrizes/atores e personagens a partir do jogo real e cênico, estabelecendo diálogos com o Teatro Negro e as questões sociais que permeiam o cotidiano comunitário e escolar.

Este desafio pairava em mim como supervisora, o desafio de orientar as e os estagiários num caminho que dialogasse com as minhas perspectivas pedagógicas antirracistas, fazendo ligações com os anseios e expectativas de cada bolsista/estagiário. De modo geral, as e os bolsistas/estagiários entenderam e acolheram a proposta para aliar às suas práticas com isso os resultados foram surpreendentes e satisfatórios.

Ao ser apresentado para a classe (6º ano C) senti certo receio da parte dos alunos com o professor novo. Receio que busquei quebrar já a partir do primeiro trabalho livre com eles. A premissa do Negricular (se entendi bem) é trabalhar as origens daquelas pessoas enquanto povo com origens e cultura própria. Confesso que nada sei sobre cultura afro-brasileira e ali sabia ainda menos então cabia fazer a lição de casa. Ler, estudar, pesquisar... [...]

Depoimento escrito de Bolsista A⁴

O receio das e dos estudantes, destacado por “Bolsista A” na citação acima, considero ser um reflexo do próprio receio do bolsista. Parece clichê afirmar que estudantes desafiam/testam novos professores ao chegarem à sala de aula, mas de fato isso acontece. A turma citada em específico era um turma com muitas dificuldades não só de aprendizagem, eram do 6º ano, mas principalmente do trato das relações interpessoais – relatado por todo corpo docente – o que dificultava muito o processo de trabalho ainda que artístico.

No entanto, mesmo com a possibilidade dada por mim para troca de turma, pois os dias passavam e estava difícil o desenvolvimento do trabalho do “Bolsista A”, não houve troca, não houve desistência, mas sim persistência e conseguimos juntos segurar o processo até o final do ano letivo. Preciso

⁴ Como tive muitos bolsistas ao longo dos anos como supervisora PIBID, tendo ainda contato com alguns e outros não, preferi não usar o nome verdadeiro, pois a importância das suas falas neste trabalho são pelas ações experienciadas com o Negricular e não necessariamente quem a fez. No entanto todas e todos os bolsistas mencionados aqui estão cientes que usaria suas falas para um trabalho acadêmico.

considerar mais uma vez a potencia do Negrificar também com as e os bolsistas, pois quando “Bolsista A” revela que pouco ou nada sabia sobre a cultura afro-brasileira e que isso estimulou estudo e pesquisa, significa ampliar olhares e possibilidades de estudos sobre as questões raciais e pedagogias antirracistas aos estudantes do ensino superior.

Figura 2 – Poemas utilizados por um dos bolsistas para compor a dramaturgia

<p>...Lá vem o navio negreiro Cheinho de poesia... Lá vem o navio negreiro Com carga de resistência Lá vem o navio negreiro Cheinho de inteligência...</p> <p>...Não queremos ouro porque temos a vida! e o tempo passa, sem número e calendário... O opressor quer o corpo liberto, mente ao mundo, e parte para prender-me novamente...</p> <p>(Trindade, 1961, p.33)</p>	<p>Muleque</p> <p>Muleque muleque Quem te deu esse beijo assim tão grandão?</p> <p>Teus cabelos de pimenta do reino?</p> <p>Teu nariz Essa coisa achatada?</p> <p>Muleque !muleque! Quem te fez assim?</p> <p>Eu penso muleque; Que foi o amor...</p> <p>(Trindade, 2012, postado em rede social)</p>
---	---

Fonte: Acervo Pessoal

Como professora pesquisadora, me redescubro percebendo a potência do **Negrificar** na formação docente, pois estando supervisora PIBID, tive que exercitar o ser professora de nível superior em certa medida, afinal todas as ações das e dos estagiários eram analisadas por mim. Tínhamos o compromisso de assumir reuniões periódicas (semanais e/ou quinzenais) para conversarmos sobre as vivências e ocorrências; reuniões mensais com a coordenação geral PIBID/TEATRO, para compartilhamento das vivências e estudos de materiais acadêmicos.

Propus então trabalhar com fantoches a partir de reciclagem para não fugir demais da minha zona de conforto e para não me aprofundar demais em terreno desconhecido pedi que as crianças trouxessem

histórias da própria comunidade para serem contadas [...] O segundo momento desse trabalho seria trabalhar com mascaras e novamente lá vou eu fazer a lição de casa e pesquisar a respeito de mascaras africanas para trazer mais que apenas brincar de fazer mascaras. E espero que ao menos alguns tenham entendido e significado ancestral de tudo aquilo [...]

Depoimento escrito de Bolsista A

É notório que mais uma vez “Bolsista A” relata a necessidade de sua pesquisa individual sobre o tema, para conseguir contemplar os ensinamentos sobre máscaras africanas, neste caso, até então desconhecido pelo mesmo. Esta afirmação provoca-me duas principais reflexões: a primeira reflexão se refere à como ainda é ausente assuntos como este na realidade cotidiana de brasileiras e brasileiros, bem como, não estão comumente inseridos no conteúdo programático de estudo básico e ensino superior das licenciaturas.

A segunda reflexão está pautada em como é notória a necessidade de constantes estudos e atualizações por parte de professores já em exercício docente ao se deparar com temas que envolvem uma perspectiva pedagógica antirracista por exemplo. E que bom que “Bolsista A” fez sua própria lição de casa, perguntou-me e tirou dúvidas quando não sabia os caminhos que buscar e encerramos o trabalho de maneira digna, satisfatória e feliz.

Figura 3 – Construção de bonecos para Teatro de Formas Animadas, a partir de Lenda Africana



Fonte: Acervo Pessoal de bolsista⁵

Seguindo o processo com o Programa de Iniciação à Docência – PIBID, cabia a mim, analisar previamente cada aula que seria ministrada oferecendo as devoluções sobre as mesmas. Promovia “micro-aulas” sobre situações pertinentes à realidade da sala de aula, contribuindo assim para um melhor desempenho no exercício docente das e dos bolsistas/estagiários.

Posso afirmar que o projeto PIBID/Teatro, sem sombra de dúvidas, contribuiu para que eu me tornasse uma educadora melhor, não me restringindo ao ensino básico, mas ampliando a minha capacidade perceptiva e de multiplicação do conhecimento adentrando no nível superior. O projeto também foi fundamental no fortalecimento do Negrificar, ampliando os olhares sobre a perspectiva racial dentro e fora do ambiente escolar.

Solano Trindade foi uma descoberta conjunta já que até aqui eu só tinha ouvido minha companheira declamar um de seus poemas. Mas as meninas (maioria participante nessa parte do trabalho) se deram bem com ele e defenderam bem suas idéias em cena. Fora do PIBID ainda dentro do projeto Negrificar cumpri minha carga horária pratica da disciplina de Estagio II da faculdade trabalhando com o 7ºB.[...] Então sobre o Negrificar, [...] acreditar que a busca é para que o estudante se entenda parte de uma sociedade maior que tem seu valor e assim como merece respeito de quem vem de fora deve aprender a

⁵ As imagens utilizadas neste trabalho estão autorizadas para serem utilizadas para fins acadêmicos

respeitar-se a si mesmo para poder cobrar com propriedade o respeito que lhe é devido pelo mundo.

Depoimento escrito de Bolsista A

Estive no projeto PIBID por aproximadamente cinco anos – com interrupção de um ano – e os ganhos e aprendizados foram substanciais, sejam nos congressos e seminários dentro e fora da Bahia, oportunizado pelo programa ou em sala com as e os bolsistas que me reinventavam e por muitas vezes eram quem me davam uma nova “injeção de ânimo” para continuar acreditando na possibilidade de uma educação pública com dignidade.

O projeto **Negrificar** se transforma a cada ano, a partir do movimento artístico que durante todo o ano letivo desenvolve prática na qual, o sujeito passa a compreender que o mesmo é responsável pelas suas ações sociais dentro e fora da comunidade escolar. Assim, durante as I^a, II^a e III^a unidades que compõe o calendário escolar da secretaria estadual de educação, as educandas e educandos são estimulados a pensar criticamente suas posturas como cidadãs e cidadãos, tendo então no mês da Consciência Negra – novembro – um espaço de culminância e mobilização.

O trabalho desenvolvido na Escola se deu por meio de questões muito próprias das realidades daqueles estudantes, questões relacionadas ao preconceito racial, conhecimento da sua própria cultura e ancestralidade. Ver na Escola Jovens Estudantes com sede de mudança, no que tange a realidade da comunidade em si, principalmente por meio do Projeto “Negrificar”, nos faz perceber o quão importante é o momento de fala de cada um e no quanto se faz necessário se abordar temas sociais em sala de aula.

Depoimento escrito de Bolsista C

“Bolsista C” evidencia o quanto é importante o espaço de fala de cada estudante, reforço que este lugar precisa ser cada vez mais estimulado de modo a contribuir cada vez mais com jovens protagonistas das suas ações sociais. Permitir o protagonismo juvenil principalmente de jovens da periferia, em sua maioria negras e negros, significa também promover libertações das amarras construídas socialmente através da herança escravagista,

possibilitando novas aprendizagens às contribuições africanas que trouxeram saberes vindo de reinados “de lá até cá”⁶.

Para além do ato de **Negrificar** a escola, gerar uma nova percepção do fazer e recepcionar o Teatro Negro na vida de cada um, o projeto tem se reinventado a cada ano numa perspectiva de ampliação das suas propostas e agregando parcerias para que o mesmo possa crescer cada vez mais.

É possível destacar a força que rege este tema e tudo que o abrange, como a questão diaspórica sobre o corpo em jogo, sobre possibilidades de reflexão e reverberação crítica dos corpos em situação de troca consigo e com o outro. Numa situação de jogo, o corpo precisa ser visto e vivido não só como participante comum, mas principalmente por tudo que ele representa.

Segundo HALL,

Na situação da diáspora, as identidades se tornam "múltiplas", e nesta multiplicidade diaspórica, as identidades se tornam físicas em sua comunicação com o outro corpo que joga, dentro do jogo, ou aquele que joga fora do jogo, ou seja, numa situação de espectador. (2003, p.27)

Assim, este corpo que joga durante as atividades práticas como nas reflexões teóricas, não pode deixar de ser percebido e refletido como um corpo negro, brasileiro, nordestino, favelado, etc., fruto dos reflexos cotidianos da diáspora, logo, neste contexto de múltiplas identidades culturais, que são globais e locais simultaneamente.

É preciso possibilitar aos estudantes o entendimento das influências africanas no Brasil como algo que está para além do processo da escravidão, subverter esta ordem hegemônica dos livros didáticos significa estarmos dispostas e dispostos a enfrentar boicotes e violências no próprio ambiente escolar, afinal “falar de preto” ainda é subentendido como “coisa de preto”.

⁶Utilizo este termo fazendo referência ao espetáculo “O dia 14” criado e apresentado pela Cia Teatral Abdias do Nascimento, na qual pude compor por 7 anos sendo assistente de direção e atriz deste espetáculo. A referência ao termo é uma provocação sobre o difícil processo de sobrevivência dos povos africanos vindos de lá do continente africano até cá, terras indígenas brasileiras.

No entanto, em meio a estes desafios já temos leis que nos protege contra esse tipo de postura e apesar de ainda ser trazida por muitas e muitos como ineficaz apesar de mais de uma década de existência, cabe a nós que estamos “no front”, montando nossos currículos e desenvolvendo nossos planos de aulas utilizar a lei 10.636/03 a nosso favor.

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003 [...] Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.⁷

Ter a lei 10.639/03 como aliada nos dá respaldo legal para validação da nossa ação afirmativa dentro da escola, afinal não será “a professora preta que quer falar sobre mulher e gente preta... coisa de artista”⁸; a lei torna obrigatório este tipo de estudo e com isso o enfrentamento do racismo na comunidade escolar se configura de outro modo. Segundo GOMES (2001, p.89), “por mais avançada que uma lei possa ser, é na dinâmica social, no embate político no cotidiano que ela tende a ser legitimada ou não”, então como professora pesquisadora reconheço e luto para efetivar a mais responsabilidade no avanço prático desta lei.

[...] foi possível construir caminhos metodológicos para que os alunos não desenvolvessem apenas uma atividade marcada no calendário escolar como um simples evento extra cotidiano, mas também o conhecimento, compreensão, ressignificação e a valorização da sua própria cultura e identidade por meio de ações reflexivas e sensíveis.

Depoimento escrito de Bolsista B

⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm - Acesso em 11 de agosto de 2019.

⁸ Estas foram falas de diversas pessoas dentre comunidades escolares na qual atuei. Falas que nem sempre apareciam diretamente para mim, no entanto era possível ouvir “pelos costas”, após a expressão corporal e facial de má vontade em executar alguma tarefa que envolvesse de algum modo as práticas artísticas.

Figura 4 – Cenas no Negrificar coordenado por bolsista



Fonte: Acervo Pessoal de bolsista

Essa experiência me fez ver a importância dessa temática para a sociedade, em especial para a comunidade afrodescendente, que, conhecendo a sua história e toda a contribuição política, social e cultural, reafirma valores como autoestima e identidade, valorizando a própria cultura. Trabalhando com fatos históricos, abordando a cultura afro-brasileira e os reflexos desses eventos na sociedade, pude perceber o quão gratificante é ver a dedicação e identificação dos nossos alunos ao confrontarem-se com um período tão significativo da História do Brasil, principalmente do negro brasileiro.

Depoimento escrito de Bolsista B

É importante salientar que o trabalho realizado por mim como professora regente, se faz durante todo o ano, ou seja, a essência do Negrificar está na base do meu plano de curso anual. Assim, a escolha de personagens negros e negras para composição do elenco de uma criação dramatúrgica, a seleção de autores negros e negras para as atividades e trabalhos a serem desenvolvidos, são exemplos estratégicos de como inserir e provocar discussões e desenvolver outras percepções a cerca da pessoa negra no ambiente escolar.

3.2. De plano de curso ao projeto interdisciplinar

Assim, apesar de ter como base a disciplina Artes/Teatro para o seu desenvolvimento, o mesmo foi acolhido e reconhecido pela gestão escolar e desde o ano de 2016 passou a fazer parte como um dos projetos interdisciplinares da escola, abrindo espaço e acolhendo todas as outras áreas do conhecimento para estudos da temática. Acredita-se que o tema tratado é fundamental a nós como brasileiras e brasileiros do ponto de vista histórico-social, e importante na discussão nos mais variados espaços.

Possibilitar as educandas e educandos envolvidos no projeto o entendimento sobre o ser negro no Brasil de hoje a partir do conhecimento de si mesmo enquanto ser social configura-se como o principal objetivo do projeto. O projeto se consolidou a partir da prática teatral e fez com que a gestão escolar – que sempre o apoiou – estabelecesse que a partir do ano de 2017, o projeto não seria desenvolvido apenas por mim, na disciplina de artes, mas que contaria com todas e todos os estudantes da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, apoiados por todas e todos os docentes.

Venho percebendo no projeto que ele traz muito do pensar, não só de raça, mas da questão humana em geral. Como vem sendo trabalhado o ano todo, não é só no final do ano, aquilo ali é uma culminância de um ano todo de trabalho, de uma no todo de conversa de ensinamentos e mostrando esse lado [...] Venho percebendo que alunos que eu não pensava – sincera e honestamente -que não iria para lugar nenhum em relação á pensara a fazer um roteiro, chegar ali na frente e encenar de uma forma tão lúdica, como eu fiquei toda louca com Clemente⁹, e eu dizia – Clemente devagar. E ele empolgado fazendo o papel de feitor ano passado, alunos que eu até não achava que caberia no papel de pensadores, não vou mentir me surpreenderam, por que eles além de pensar, atuar, eles estão trazendo, aos poucos, mas estão trazendo para o dia a dia deles. É algo que é trabalhado em sala, mas também é trabalhado no corredor, quando a professora conversa, quando eu converso. É um projeto essencial, por que não é só uma questão de ser negro, de ser do gueto, é uma questão de identidade, de cultura, de mostrar que não é só “aquilo ali”, que a gente pode ir além, que o aluno daqui não pode ficar apenas confinado e achando que esse mundo dele é só isso aqui, que existe todo um mundo lá fora e toda uma oportunidade para ele. Eu acho que o projeto mostrar tudo isso... É verdade!

⁹ Grifo meu. Clemente foi um dos personagens de um estudante, em uma das apresentações do ano de 2018, onde interpretava um feitor numa cena de rádio novela encenada. O texto dramático foi construído por parte da turma.

Luciana Viana, sobre o Negrificar – Vice-diretora da Escola Dom Avelar Brandão Vilela – Áudio transcrito – 2019.

Assim, o projeto Negrificar passou a fazer parte dos conteúdos de estudos de acordo com as respectivas áreas do conhecimento e coordenados pela disciplina de Artes/Teatro e apoiado por toda a comunidade escolar.

No intuito de ressignificar a história silenciada dentro e fora do nosso cotidiano escolar, o projeto se dilata, amplia e melhora sempre que as outras disciplinas agregam a sua perspectiva. A cada ano o projeto é moldado e suas etapas são dialogadas na jornada pedagógica, a fim de aliar as idéias da coordenadora – no caso eu, professora Camila Bonifácio - aos colegas e a gestão escolar.

No primeiro momento, logo no início do ano letivo, o recorte dos temas por série foi pré-estabelecido com base nos anos anteriores, podendo ser reformulado a cada ano diante das necessidades apresentadas. Todos os temas têm por objetivo serem trabalhados na perspectiva de valorização e protagonismo do povo negro, por exemplo: Resistências negras: ontem e hoje; Personalidade negras – celebridades e familiares; Empoderamento feminino; Patrimônio cultural (material e imaterial); O negro nas Artes e Esporte; Protagonismo na história da Bahia; Empoderamento juvenil, etc.

A escolha dos temas para cada seriado é feita por mim em diálogo com alguns colegas principalmente historiadores, a partir das experiências anteriores, mas, principalmente a partir do perfil de cada seriado. A maioria das e dos nossos estudantes estão conosco ao longo dos anos e temos como ir percebendo o amadurecimento ou não das suas perspectivas sobre os temas.

Inicialmente, o Negrificar desenvolvia-se apenas na disciplina de Artes regida por mim, mas logo no ano seguinte à sua primeira mostra cênica, alguns professores resolveram também encorajar as e os estudantes ao teatro, incorporando à sua disciplina pontuação pela participação no Negrificar. Anos passando e o projeto ganhou dimensões maiores, ao ponto de familiares responsáveis por novas matrículas relatarem estarem matriculando seu filho

por indicação de algum de uma amiga, vizinha ou parente que já tinha um estudante matriculado na escola que já conhecia e apreciava de alguma forma o projeto Negrificar

Frente a isso, e ao envolvimento das e dos estudantes que só cresciam, a escola abraçou ainda mais o trabalho da disciplina e o colocou como programa permanente da escola, onde todas e todos os professores das mais variadas disciplinas e em todos os turnos, deveriam trabalhar com os temas em seus conteúdos a fim de potencializar os aprendizados. Deste modo, o Negrificar deixa de ser um projeto realizado na disciplina de Artes da professora Camila e passa a ser um programa interdisciplinar da escola.

Assim, cada área do conhecimento, ou seja, cada disciplina desenvolve seus estudos e atividades de acordo com o tema central e seus respectivos recortes temáticos por série, para que seja possível aprender, discutir esquematizar o que será apresentado na culminância. É pré-estabelecido que cada turma tenha até duas madrinhas e/ou padrinhos, que deverá coordenar o trabalho da sua turma que deverá ser socializado com alguma outra turma na semana de culminância, bem como atribuir uma nota final de 0 a 3,0 que comporá o cálculo de pontos em todas as matérias¹⁰.

Por fim, em semana pré-estabelecida de novembro, são realizadas apresentações cênicas no espaço/pátio da escola e também outras formas de resultados (seminários, exibições de vídeos, apresentações de maquetes, etc.) em sala. A culminância do projeto, inicialmente dividida em três dias para que seja possível que todas as turmas possam apresentar seus trabalhos de modo promissor, são apresentados trabalhos escritos, visuais, musicais e cênicos.

¹⁰ As madrinhas e/ou padrinhos são as e os professores da escola, de todas as disciplinas que se comprometem a desenvolver o trabalho com sua turma. Esta função foi predeterminada pela gestão escolar em diálogo com todas e todos nós, por entender a importância e eficácia desse projeto na escola e como isso amplia a interdisciplinaridade. O Negrificar fortaleceu outros projetos e hoje em cada unidade há um projeto que o rege, o que só aumenta o interesse das e dos estudantes para com os mesmos. Sabemos que o mais importante nas vivências através da pedagogia de projetos está no conhecimento adquirido de forma não tradicional, no entanto ainda hoje temos em nosso currículo formal público a necessidade de converter as aprendizagens em notas, o que é inegável que elas estarem presentes nas avaliações, fazem parte do processo de empenho e desejos de muitas e muitos dos nossos estudantes.

Figura 5 – Confeção de Abayomi¹¹

Fonte: Acervo Pessoal

¹¹ A palavra abayomi tem origem iorubá, e costuma ser uma boneca negra, significado aquele que traz felicidade ou alegria. (Abayomi quer dizer encontro precioso: abay=encontro e omi=precioso). No Brasil, além de nome próprio, designa bonecas de pano artesanais, muito simples, a partir de sobras de pano reaproveitadas, feitas apenas com nós, sem o uso de cola ou costura, de tamanho variando de 2 cm a 1,50 m, sempre negras. Na época da escravidão, as mulheres negras faziam bonecas para as crianças, jovens, adultos. Elas as confeccionavam com pedaços de suas saias, único pano encontrado nos navios negreiros, para acalmar e trazer alegria para todos. Apesar de já conhecer as Abayomis, a proposta de levar para a turma entender e confeccionar foi trazida por um dos bolsistas em 2013 e abraçada por todas e todos. Em anos seguintes perpetuei a iniciativa sempre incorporando a confecção das Abayomis em alguma turma para servir de lembranças à plateia e/ou inserindo a sua história dramaturgicamente.

Após a semana de culminância é feita a avaliação com as educandas e educandos envolvidos no processo, assim como entre o corpo docente, para que possa ser identificado os acertos e equívocos.

É de suma importância considerar que, independente de “professor x disciplina” que coordenará a respectiva turma e seu desenvolvimento de projeto para escola, em todas elas haverá também um resultado cênico, uma vez que sou professora de todas as disciplinas e conduzo o planejamento anual para tratar de tais questões permeadas aos conteúdos artísticos e a nota da disciplina de Artes. Vale ressaltar também que após esta iniciativa a escola entendeu o quanto é importante e funcional a “pedagogia de projetos” e incorporou outros dois projetos no calendário escolar: “Educação Ambiental” na Iª unidade e “Conhecendo a Bahia”¹² na IIª unidade.

Desta forma o Negrificar se configura hoje, para além da disciplina de Artes/Teatro, o que considero como mais uma batalha vencida frente à luta antirracista, por que a forma como o projeto opera nos últimos anos faz com que ele saia do lugar de fala preconceituosa que muitas e muitos traziam com desdém, num esforço para deslegitimar o trabalho com rasos argumentos que ele só acontecia por que eu o desejava, por ser negra e artista; e não por ser uma discussão necessária em nossa comunidade e sociedade.

É deste modo que tento contribuir para o olhar pedagógico antirracista diante das e dos estudantes, assim como compreendendo a minha função em educar também minhas e meus colegas que pelos seus mais variados motivos não conseguiram ainda compreender a necessidade de tais aprendizagens. O trabalho é constante e cotidiano, cansativo mais compensatório, pois trabalhar para que a sociedade se envolva/participe e quem sabe compreenda que “falar de preto” não é só “coisa de preto”.

¹²O projeto Conhecendo a Bahia é mais antigo que o Negrificar, mas também só acontecia com professores que queriam participar agregando à sua disciplina. Coordenado pela professora Maria Elisa e Everton Cerqueira, fui convidada a também compor este projeto assim que entrei na escola. Com o impulso do Negrificar, o Conhecendo a Bahia também deixou de ser de algumas disciplinas para ser de todas de forma interdisciplinar envolvendo todos os turnos.

Tratar das questões negras numa visão que transcende o estereótipo, que empodera o protagonismo negro é tratar de um avanço social, pois as maneiras cada vez mais perversas e violentas que sofremos do racismo, cotidianamente, precisam ser denunciadas e combatidas duramente.

Enquanto a educação escolar discutir a questão racial como um “problema do negro”, negando-se a integrá-la nas reflexões sobre a sociedade brasileira, continuaremos dando muito espaço aos mais diversos equívocos e a práticas intencionalmente racistas (GOMES, 2001, p.93).

Deste modo, unir forças através do potencial artístico para revelar a importância do Negritude para a escola, estudantes e suas famílias, foi e ainda é a forma que encontro de também me fortalecer para não desistir da luta antirracista, levando e evidenciando os marcadores que carrego comigo, como mulher, negra, periférica, candomblecista, artesã, atriz, professora... E tantos e tantos outros que trago comigo reaprendendo todos os dias a ser feliz assim.

É sabido, que os marcadores sociais da diferença que trazemos em nós e percebemos no outro, precisam ser respeitados como são e estudados cada vez mais forma entrelaçadas, por compreender a sua complexidade, por mais paradoxal que esta afirmação possa ser. Porém, para o trabalho exposto, reconheço que o marcador racial tem um lugar de destaque e prevalência nesses estudos e isso é proposital.

Trazer a perspectiva negra como referencia pedagógica não é uma tarefa fácil, possibilitar que uma ou um estudante respeite o outro e sua negritude, bem com reconheça também como sua essa ancestralidade é um exercício diário de perseverança, dor e amor. Em todos esses anos negritudando, fortaleci meus ideais como professora de teatro, assumindo a postura de ser aquela que colocará o dedo na ferida não cicatrizada, a fim de revelar que muitas dessas feridas só estão ali pelo não entendimento de que carregar o marcador da negritude é ser belo, inteligente e capaz de ser e fazer os outros felizes, sem deixar que toda um imaginário social lhe boicote.

3.3. Negrificar: sete anos de uma experiência teatral negroreferenciada

Figura 6 - Alguns estudantes em 2012



Fonte: Acervo Pessoal

A dinâmica de trabalho que adotei trouxe a perspectiva negroreferenciada ainda que inicialmente de forma intuitiva e amadora. Nas oportunidades acadêmicas que tive, para me aprofundar nas questões raciais, tudo ainda era tratado de forma amplificada/macro, ou seja, as pesquisas que eu tinha acesso tratavam da questão racial de um modo geral, nacional e global, mas não com um recorte para o ambiente escolar, tão pouco para o ensino do teatro na escola pública.

No ano de 2012 eu completava um ano na rede estadual como professora efetiva¹³ e seria a partir de então que eu teria a oportunidade de inserir um trabalho pedagógico antirracista de forma ampliada na escola. Este era o meu novo ambiente, o meu novo lugar de morada “fixa”, ali eu precisava me sentir em casa, desenvolver pertencimento e ser feliz profissionalmente. E assim, plantei a semente do Negrificar, aos poucos, timidamente, para o estranhamento não afugentar, e que bom que foi assim: aproximou.

Figura 7 - Professor Everton, leciona disciplina de História, grande apoiador do projeto.



Fonte: Acervo Pessoal

Até onde sei a escola nunca tinha sido tomada por cartazes, seminários e apresentações teatrais ao mesmo tempo com temática racial. Nesta época eu lecionava no turno matutino em todas as turmas, o que representava – e ainda representa – nove turmas do turno matutino com aproximadamente 35 estudantes cada, a tarefa é desafiadora, mas em contrapartida, eu tenho todo um turno escolar provocado, envolvido e motivado a cerca destas questões.

A linguagem das artes cênicas era uma grande novidade para as turmas; é preocupante a realidade ainda nos dias de hoje (2019), termos tão

¹³ Já possuía experiência na rede pública estadual, mas com contratos e concursos temporários o que por vezes, deixava um trabalho sem continuidade, pois a qualquer momento eu poderia sair daquela escola e ser designada à outra sem aviso prévio.

poucas escolas que oportunizam a vivência teatral no currículo escolar público, o que parte de um processo histórico da educação, apesar da alteração do artigo 6º da LDB 9394/96, através da lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016¹⁴, na prática temos uma sociedade que na prática escolar restringe o ensino das Artes à linguagem das Artes Visuais.

Então foi comum no início, apesar de experimentarem na sala de aula as atividades práticas teatrais, muitos ainda preferiram ficar sentados, sair da sala e nos momentos de montagem cênica fazer cartazes sobre o tema. Mal sabiam eles que tudo isso era válido e que aos poucos, conheceriam a amplitude que envolve teatro e que mesmo aqueles que não queriam estar atuando, teriam muitas oportunidades de teatralizar atrás da cortinas.

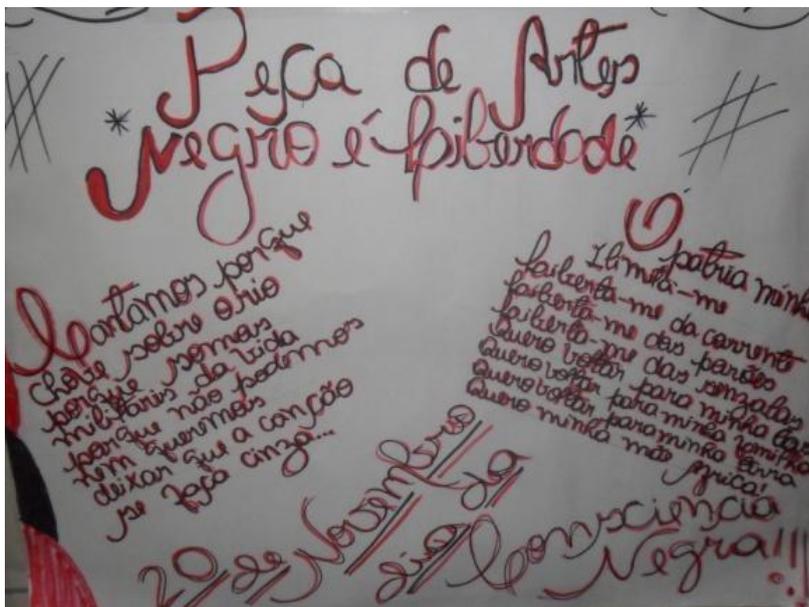
Figura 8 – Cartaz com imagens de pessoas negras



Fonte: Acervo Pessoal

¹⁴ LEI Nº 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. Acesso: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm

Figura 9 – Cartaz que complementou uma das turmas em apresentação cênica



Fonte: Acervo Pessoal

Para muitas e muitos pode parecer bobagens pedir para que estudantes criem cartazes com pessoas negras para dispormos na escola na “semana do 20 de novembro”, mas para nós negras e negros oriundos de periferia e escolas públicas sabemos e sentimos na pele o quanto é difícil nos reconhecermos sendo representados nas imagens de livros, revistas, propagandas e a fim de forma positiva. Durante este trabalho ouvi de estudantes o quanto estava sendo difícil encontrar imagens de pessoas negras, mas não desistiram e os provoquei também a colocar imagens nas pessoas que estavam em sua volta, afinal de contas, somos e precisamos ser visibilizadas e visibilizados.

E foi assim que arranquei sorrisos de satisfação em dizer: – *Eu sou negra professora e sou linda*. O trabalho teatral em sala de aula na disciplina de Artes provocou as turmas a apresentarem seus resultados uns aos outros e claro que de início houve muitas rejeições por timidez principalmente, afinal de

contas para a maioria o máximo de ter um público era apresentar “uma idéia” de seminário, lendo um papel com a cabeça e voz baixa.

Com as aulas de teatro, trabalhamos muitos jogos e dinâmicas que proporcionam a liberação e sensibilização¹⁵, fundamentais para a entrega dos corpos em atividades lúdicas. Com o Negrificar trabalhamos muito o poder e auto-estima e foi a partir das improvisações teatrais¹⁶, seguidas da possibilidade de estar num palco representando para uma plateia, que se reverberou aos corredores a tranqüilidade em manter a cabeça erguida e o sorriso largos nos lábios grossos.

Figura 10 – Eu sou negra, eu sou linda



Fonte: Acervo Pessoal

¹⁵O Manual de Criatividades foi concebido para auxiliar professores de arte-educação do 1º e 2º grau [...] O próprio título já significa uma profissão de fé inicial na capacidade de realização das pessoas. Acreditamos na riqueza libertadora do processo de criação. (DOURADO & MILLET 1998)

¹⁶ O trabalho de Viola Spolin torna-se conhecido no Brasil em 1978, primeiramente como ferramenta pedagógica e depois como método de interpretação.

Começamos com cenas que trouxessem a realidade deles, muito apareceu sobre a violência na comunidade, mas também sobre a importância do respeito aos mais velhos, obediência e à diversidade. Consigo relacionar o entendimento deles ao “pedido da benção”, como mostra a imagem abaixo, como negrorreferência à sabedoria griô, a nossa influência africana e que tem estado cada vez mais escasso em nossa sociedade contemporânea.

Segundo SOUZA (2011),

griots são narradores tradicionais da África Subsaariana. Para designar os narradores de matriz africana, a palavra griot, na Bahia e no Brasil, geralmente é adaptada para a grafia griô. A palavra griot é de origem francesa, recobre uma série de funções no contexto das sociedades de tradição oral africanas, nas quais o griot assume uma posição de destaque, por ser um dos mais importantes transmissores tradicionais da história e da cultura de suas comunidades. (SOUZA, 2011, p.13-14)

Figura 11 - Aos mais velhos à benção ou “bença”, como costumamos dizer aqui no nordeste



Fonte: Acervo Pessoal

Em todo o trabalho é importante salientar que a construção dramática parte de estímulos dados em sala através de diversos recursos que o drama e os elementos do teatro possibilitam, trazendo sempre a improvisação teatral como aliada neste processo. Então o que aparece dramaturgicamente tem essencialmente o que as e os estudantes trazem em saca de aula, passando por mim para afinar, por assim dizer como dramaturga e encenadora.

A imagem abaixo para mim é muito forte e representativa, não apenas simbolicamente do ponto de vista inter-racial, mas o tamanho do significado que ela carrega histórica e socialmente. Esta imagem é de uma das cenas onde as crianças estão felizes, brincam e se admiram muito e são melhores amigas, no entanto a cena completa retrata a intolerância da mãe da garota considerada branca, pois segundo ela a amiga negra poderia ser uma “má influência”.

Figura 12 - Respeito acima de tudo



Fonte: Acervo Pessoal

Provoco com esta imagem a lembramos das diversas situações que vivemos em nossas comunidades, escola ou visualizamos nas pequenas e grandes mídias, onde a reflexão pousa justamente em assumir que a criança

com atitudes racistas, perpetua este comportamento por ter em sua volta adultos que a influenciam/ensinam direta ou indiretamente que negro/preto não é ruim, é má influência, é feio; que ser mulher é ser frágil, ser submissa, ser dependente financeira e emocionalmente.

Nós adultas e adultos educadores precisamos estar atentas e atentos às nossas posturas, não apenas sobre como não ser racista, mas principalmente por em prática atitudes antirracistas e antissexistas. Assim, reafirmo o que trouxe em minha dissertação de mestrado:

Todas e todos devem jogar sem medo de cair, pois só cai quem já se levantou, só leva “topada” quem anda, só transforma quem se mobiliza, só se liberta quem já foi oprimida, só entra na roda quem sabe dos desafios a enfrentar... De ganhar ou perder, de dançar ou lutar, de convidar ou desafiar, mas antes de tudo de respeitar o olhar, o sentir, o tocar. (JESUS, 2013, p. 113)

Figura 13 – A pró está no jogo!



Fonte: Acervo Pessoal

Isto significa que precisamos nos sentir pertencentes a essas posturas sendo negras e negros; ou não negras e não negros, a partir do momento em

que se aceita que o racismo não é um problema de alguns, mas, um problema sério e que precisa ser combatido por todas e todos nós, cotidianamente. Assumir frente à sala de aula ações antirracistas e antixistas significa assumir retaliações, perseguições, difamações, mas também apoios, parabéns, força, reconhecimentos, sorrisos, palmas que passam a ecoar nos corredores da escola. Em 2012 finalizei o ano letivo com a certeza que o ato de Negrificar estava só começando. Evoé! Axé!

Figura 14 – Nosso primeiro agradecimento teatral - 2012



Fonte: Acervo Pessoal

E assim seguimos, tínhamos a parceira com o PIBID Teatro/UFBA o que comigo fortaleceu ainda mais o trabalho, pois eu já não estava “sozinha”, tinha comigo mais cinco estudantes dispostos a incorporar nos seus planos de trabalhos a perspectiva do Negrificar. É imprescindível salientar que ao longo dos anos fomos amadurecendo e conquistando cada vez mais participações, apoios e autonomias.

Figura 15 – Apresentação em 2013



Fonte: Acervo Pessoal

Paralelo a isso fui aprofundando com as turmas de acordo com os seriados os aprendizados teatrais que envolviam não só as vivências práticas fundamentais no processo de teatro/educação, mais também aspectos dos elementos do teatro, da dramaturgia e história.

Figura 16 – Maquiagens para uma das cenas - 2014



Fonte: Acervo Pessoal

As aprendizagens evoluíram e com o tempo os figurinos e maquiagens eram esboçados pelas turmas; contribuíam também com a sonoplastia e cenário, opinando e operando; assim como na dramaturgia, pois construíam suas cenas, poemas, roteiros e meu papel era mediar, organizar e finalizar como dramaturga e encenadora.

Figura 17 – Cena do espetáculo: “Dandara e Romeu: Shakespeare no sertão” - 2015



Fonte: Acervo pessoal do professor Everton Cerqueira

Figura 18 – Cena de concurso de beleza/moda - 2015



Fonte: Acervo pessoal do professor Everton Cerqueira

Durante estes anos, tivemos algumas oportunidades de ir ao teatro e museus. Infelizmente considero poucas as nossas saídas e isso se dá basicamente por questões financeiras, fortalecida pela não acessibilidade cultural promovida pelo governo. De um modo geral consigo doações de ingressos das entidades que promovem formação de plateia ou de amigas e amigos parceiros de profissão, no entanto esbarramos na questão do transporte, a locomoção da escola para o teatro. Há anos atrás ainda conseguíamos com muita disponibilidade e “malabarismo” financeiro da gestão alugar ônibus para proporcionar esta vivência, mas hoje passamos por uma crise tão grande que muitas vezes não há nem o lanche diário da escola. Situações como esta que infelizmente não é um caso isolado na realidade de muitas escolas públicas da Bahia.

Figura 19 – Com elenco, pós espetáculo, 2012.



Fonte: Acervo Pessoal

Mas, sem deixar de acreditar no que está por vir de bom, me acalenta lembrar-se da nossa ida ao Teatro Sesc/Pelourinho, com o apoio do FIAC¹⁷, assistir um espetáculo tão necessário intitulado “Xirê Obá – A festa do Rei”, direção de Fernanda Onisajé, do Grupo de Teatro Nata; espetáculo “O Fabuloso Lixão” no Teatro Xisto. Uma das bolsistas PIBID, Jamile Cruz estava na produção e doou os ingressos; à Caixa Cultural de Salvador para contemplar exposições e participar de dinâmica que envolvia o trabalho com as artes visuais, uma indicação do bolsista Vanderlei Rossetim; dentre algumas outras experiências que aproximaram ainda mais do universo artístico cênico e visual.

Os temas abordados por cada turma sempre é trazido por mim no início do ano letivo, muitas vezes pensando junto com colegas de outras áreas do conhecimento para dialogar com os assuntos do seriado, assim como com bolsistas e/ou estagiários, para que as práticas diárias e os resultados venham de forma fluida.

¹⁷ Festival Internacional de Artes Cênicas.

Figura 20 – Cena do espetáculo Resistência – Direção: Bolsista Alan Luís – Supervisão: Camila Bonifácio - 2017



Fonte: Acervo pessoal do professor Everton Cerqueira

Com isso, as construções cênicas das e dos estudantes têm como alicerces o que trazem das suas experiências e relatos de situações vividas e/ou presenciadas, construções de paródias, assim como também contos e lendas africanas, livros e vídeos sobre personalidades negras nacionais e internacionais; celebridades e anônimas, mostras de imagens e debates sobre costumes brasileiros de influências africanas, textos dramáticos nacionais e internacionais, poesias, notícias de jornais, comerciais televisivos e tantas outras oportunidades de estímulos que oportunizem novos olhares sobre o que é ser negro no Brasil de hoje e quais desafios temos que enfrentar dia após dia.

Figura 21 – Cena com a paródia: Chega, a partir da música “Cheguei”, interpretada pela cantora Ludmilla -2018



Fonte: Acervo Pessoal 1

Figura 22 – Trecho da música original e trecho da paródia

<p style="text-align: center;">Cheguei (Cantora: Ludmilla)</p>	<p style="text-align: center;">Chega! (Estudante: Ana Julia 7ªA 2018)</p>
<p>Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda</p>	<p>Chega de preconceito racial no mundo</p>
<p>E que se dane, eu quero mais é que se exploda</p>	<p>O que eu quero é igualdade sobre tudo</p>
<p>Porque ninguém vai estragar meu dia</p>	<p>Por que a vida é bem melhor assim</p>
<p>Avisa lá, pode falar</p>	<p>Vamos falar! Vamos falar!</p>

Fonte: Acervo Pessoal 2

Com muitos tropeços, equívocos, lágrimas, cansaço, desejos de desistir, chegamos ao ano de 2018, que me mostrou o quanto ainda tenho por fazer no ensino básico e superior com tudo que venho aprendendo com as e os

estudantes. No ano de 2018 superamos nossas próprias expectativas nos aspectos de aprendizagens, artísticos, estéticos e principalmente pessoais.

Quem está no “front” da sala de sala consegue compreender o meu lugar de fala quando trago essas imagens carregadas de emoções, superações e histórias que as imagens não conseguem em sua totalidade expressar como é louvável chegarmos a esses momentos de culminância do projeto Negricificar através de seus resultados cênicos.

Figura 23 – Cena do espetáculo: “Meu nome é Brau” - 2018



Fonte: Acervo Pessoal

É uma difícil tarefa se reinventar sempre, buscar atualizar os conhecimentos através de investimentos pessoais, os apoios para professores de ensino básico ainda são poucos, mas necessários e merecem ser sempre multiplicado, divulgado e fortalecido amplamente. A exemplo da iniciativa deste curso que concluo com este TCC que destinou a maior parte das suas vagas para profissionais do ensino básico. Gratidão!

Figura 24 - Cena do espetáculo: “Meu nome é Brau” - 2018



Fonte: Acervo Pessoal 3

Ações como essa, nos fortalece para enfrentar os 200 dias letivos de sala de aula, incluindo as horas extraclasse de pesquisas, planejamentos e correções que precisamos dedicar à nossa profissão, tendo que cumprir com os PCNS; PNDL; LDB; regras da comunidade escolar e secretaria de educação; enfrentamentos com a violência e cooptação promovida pelo tráfico de drogas que assolam nosso país, estado, cidade e, por conseguinte nossos bairros, os periféricos principalmente e mais agressivamente.

Nós educadores e artistas que acreditamos na escrita de uma nova história para nós e nossos jovens, diferente das apresentadas pelas estéticas apresentadas midiaticamente como insolúveis, precisamos reavivar forças de onde nem acreditamos ter ou saber de onde vem, mas lutamos para nos manter firmes. Estas palavras não significam que sofremos, brigamos,

cansamos, sim, nós que compomos os diversos quadros docentes da educação brasileira estamos cada vez mais descontentes e tristes com os sucessivos desrespeitos, cortes de apoios e banalização da nossa tão importante profissão, porém como diria Gonzaguinha “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” e estamos fazendo tentando acertar.

Figura 25 – Cenas do espetáculo: Quem é você? - 2018



Fonte: Acervo Pessoal

“Talvez o que eu vá falar você não dê muita importância, são só desigualdades, uma pequena discrepância no vasto horizonte. Eu vejo resquício de um passado que não se esconde. Eu olho pra Barra e vejo os herdeiros da casa grande, olho pro Calafate e vejo os herdeiros da senzala.

Mas que com muita resistência carregaram sempre a sua espada foram milhões, milhões trazidos à força. Inferiorizaram nossa cor jogaram nossa cultura nossa identidade na força.

- *Martela o dente dele... Joga água fervente no ouvido dela...* A cada tortura mais força pra ela. Agora você vai pra igreja porque orixá não existe. A cada suspiro ela resiste, tentou fugir tentou escapar: *dê pra ela mais 100 chibatadas.*

Corre, engole o choro, “bora” pra lutar Dandara, construímos quilombos salve o zumbi, revoltas e rebeliões, tentaram nos oprimir. Éramos 90% da população... Imagina que lindo tudo isso de preto sorrindo. Só que não!

Por mais de 300 anos já não basta ter nos escravizados agora fica ai sem moradia sem trabalho o que restou foi pra favela ser marginalizada. Preto, nós somos top até no nome, não sei se você sabe mais resistência é nosso sobrenome.

Meus heróis não viraram estátuas eles morreram lutando contra aqueles que viraram. E a cada verso rimado eu espero que o recado tenha passado: os pretos então se organizando, é preto no poder é preto em ascensão. Já disse que somos top é cada orgulho que vem dos irmãos.

Andréa Back segundo lugar no FRG. Aaaa... Não vale ela passou por cota. Mais e daí, isso é no mínimo uma redenção, reparação histórica, só falta você falar contra nossa meritocracia. Vai ter mais preto na faculdade sim, mais do que na delegacia.

Qual é pretinha! Pega teu jaleco e esquece essa louça, faz que nem aquele cara o André Rebouças, pois é não é apenas nome de túnel, negro, abolicionista, engenheiro e astrônomo. Eles não querem que ensinem isso na sala de aula, porque não querem aceitar que a gente ta assumindo o trono.
#EleNao #EleNunca #EleJamais #ElaSim

(Poesia adaptada pela professora Camila Bonifácio, a partir de pesquisa feita pelas estudantes Ana Catherine e Thalita Blanco, por poetizas “youtuber ‘s”)

4. ASPECTOS CONCLUSIVOS

“Eu acredito que todos nascem com um dom e o da professora é o teatro, ela não só ensina, ela ama, ela gosta do que faz”.

Vinícius Rocha, estudante do 9º ano.

Através dos coqueirais

Ontem me disseram que eu não conseguiria ser eficaz
Ontem tentaram boicotar a arte que eu acreditei que nos daria o pão
Hoje consigo ver melhor o colorido da natureza entre os coqueirais
Hoje consigo reconhecer que o meu trabalho não é em vão

Negrificando estou a passos largos
Passos por vezes lentos, mas em sua maioria apressados
Numa pressa sábia de quem não mais se tranca num quanto
Num lentidão de quem espera e acredita no tempo esperado

Ontem o sol que iluminava queimava o lombo
Ontem o vento que soprava arrastava a colheita
Ontem as lágrimas derramadas encharcavam o obrigado litúrgico.

Hoje o sol que ilumina germina e aquece o meu ombro
Hoje o vento que uiva arrasta os males que se espreita
Hoje as lágrimas lubrificam as palmas do quente olhar do público

Camila Bonifácio, manhã de 13 de agosto de 2019, Jauá-Bahia.

Figura 26 – Estudante da turma do 6º ano pedindo autografo, pós espetáculo, ao colega do 8º ano. - 2013



Fonte: Acervo Pessoal 4

Conseguimos! Conseguimos despertar na comunidade escolar, de um modo geral, novas possibilidades do olhar aos próprios colegas, vendo belezas, conhecimentos, arte. Conseguimos multiplicar para a comunidade ensinamentos sobre nossa cultura afro-brasileira através de estudantes que passaram a realizar aulas/oficinas mesclando dança, teatro e de tudo um pouco que aprendia para as crianças menores da comunidade, ativando então o seu protagonismo juvenil.

Figura 27 – Apresentação de garotas, vizinhas da estudante Taís, que se tornou uma jovem protagonista em sua comunidade e foi compartilhar conosco - 2013



Fonte: Acervo Pessoal

Conseguimos fortalecer estudantes a usar seus cabelos naturais, turbantes, fio de contas religiosos, falar publicamente sobre sua religião e gostos musicais, revelar outros potenciais artísticos musicais e literários em outros momentos e disciplinas na escolas, pois começaram a encontrar no teatro outras possibilidade de apresentar trabalhos diversos, que antes ficava restrito a cartazes e falas lidas em pedacinhos de papel.

Conseguimos trazer alguns familiares, amigas e amigos para compor a plateia em dias de apresentações cênicas, funcionárias e funcionários que revezam suas dinâmicas de trabalhos, para tentar prestigiar os espetáculos, além de já termos tido inclusive funcionária convidada pela própria turma para compor o elenco e lá estava ela, atuando e encantando o público.

Pra mim é muito importante, acho super importante, inovador, traz um maior conhecimento, consciência a esses alunos que precisam, saem daqui com uma visão totalmente diferente de como eles entram no projeto Negrificar. Eu não sei nem o que dizer, eu acho super, hiper importante, eu amo o Negrificar, toda vez que chega o final do ano que vejo que vai ter o Negrificar é a maior agonia principalmente por que eu participo [...] Quando eu fiz a cena eu cuidada nos meninos, auxiliava quem iria entrar na sala da direção, como eu faço mesmo. Os meninos amaram a experiência de eu estar em cena e eu amei mais ainda, amei... (muitos risos)

Mari - Funcionária da Escola Dom Avelar Brandão Vilela – Áudio transcrito – 2019.

No ano de 2018, no último dia das apresentações do Negrificar – foram três dias – recebi uma homenagem em nome da Escola Dom Avelar Brandão Vilela, através da gestão com uma emocionante fala e flores, como agradecimento ao trabalho dedicado pedagógica e artisticamente frente a este projeto. A cada ano o Negrificar atrai mais estudantes e até mesmo ex-estudantes que nos visitam para contar como utilizam a experiência em sua vida ou até mesmo para fazer participações especiais nas apresentações, mesmo já estando em outras escolas.

Ao concluir este trabalho de conclusão de curso, trago a satisfação de que o objetivo de mobilizar jovens para o entendimento do que é ser pessoa

negra no Brasil de hoje, foi realizado. Fazer um levantamento histórico de sete anos de trabalho na mesma comunidade escolar, me possibilitou compreender ainda mais os equívocos e acertos dos processos, mas fica a certeza de que o “verbo de ação” Negrificar, continuará por muitos anos potente e ativo pois a cada dia ex-estudantes continuam afirmar como o Negrificar fez e ainda faz diferença em suas vidas. Nós negrificaremos sempre!

Encerro com a imagem da estudante Lennie Renata que pediu esta foto dizendo: - Pró eu fiquei linda com o turbante que a senhora fez, estou igual à senhora. Vou para casa assim, pra todo mundo ver, vou mostrar para minha mãe e tirar várias fotos.

Resistiremos!

Figura 28 – Estudante após espetáculos do último dia das apresentações - 2018



Fonte: Acervo Pessoal

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andréia Fernandes de. **Práticas teatrais no Ensino Médio**: dez anos de Oficinas de Teatro no Colégio Manoel Novaes. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Dança e da Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro: IFCS/UERJ; PPCIS/UERJ, v.3, n.2, 1995, p. 464-469.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte/Educação Contemporânea**: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 1**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sergio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Jogos para Atores e Não-Atores**. 7ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**/ Beatriz Cabral. – São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

CARDOSO, C. P., SILVA Z. P. **Pedagogias feministas no combate ao racismo e às desigualdades de gênero: uma abordagem perspectivista**.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e Sexo**. Tradução Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.

CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO DE TEATRO NO PIBID: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Pibidteatroba**, 2014. Disponível em: https://pibidteatroba.blogspot.com/2014/11/cultura-afro-brasileira-no-ensinode.html?fbclid=IwAR2AHSTkyonJO2SxX8Kge74H212vOAqGtVKP54jSbiGirur_CQ0CujpSHzw. Acesso em: 15 de jun. de 2019.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Quando Teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço**. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420091014164649Quando%20Teatro%20e%20educacao%20ocupam%20o%20mesmo%20lugar%20no%20espaco.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

DOURADO, Paulo; MILLET, Maria Eugênia. **Manual de Criatividades**. 4. ed. Salvador: EGBA, 1998.

DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação?** 14. ed. Campinas: Papyrus, 1986.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília :Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.236 p. (Coleção Educação para todos)

FAGUNDES, Tereza Cristina carvalho; UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA – Pró-Reitoria de Extensão, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 4. ed. São Paulo: Autores associados; Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Nilma L. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola** – In: CAVALLEIRO, Eliane S. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summuseditorial, 2001, p. 83 – 96.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora**. In Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2003, p. 25-48.

_____. **Identidade cultural na Pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HEILBORN, Maria L.; ARAUJO, Leila; BARRETO, Andreia (orgs). **Gestão de políticas públicas em Gênero e Raça** – módulo 3. Brasília SPM, 2010

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras** in Estudos feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n.2, p.464 – 469, 1995.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

JESUS, Camila Bonifácio Santos de. **O teatro do oprimido no ensino de teatro: desconstruindo o sexismo linguístico com adolescentes** / Camila Bonifácio Santos de Jesus. - 2013. 146 f. il.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos Teatrais**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIGIERO, Z. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 107-156.

LOBO, Eusébio. **O corpo na capoeira**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2008. p. 73-101.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Tradução Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

NARANJO, Julio. **Teatro negro**. Compilação da tese **À sombra de si mesmo: um estudo do teatro negro caribenho**. São Paulo: EDUSP, 2006.

NOGUEIRA, P. Márcia. **Tentando definir o teatro na comunidade**. Revista da Pesquisa, n. 2, v.2, Florianópolis, SC, 2007.

O espaço da pedagogia na investigação da recepção do espetáculo. Biange Cabral. **Sala Preta**, 14/04/2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/download>. Acesso em 15 de abr. de 2019.

PAREYSON, Luigi. **Estética: Teoria da formatividade**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. **Os problemas da estética**. Tradução Maria Helena Nery Gairez 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco. Rev. bras. Estud. Pedagog. Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-

[66812016000300534&lng=pt&tlng=pt%20Maria%20Am%C3%A9lia%20do%20Rosario%20Santoro%20Franco](https://books.google.com.br/books/about/Racismo_e_anti_racismo_na_educacao?hl=pt&pg=PR10&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em 15 de abr. de 2019.

Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.Org, Eliane Cavalleiro, 3ª edição – Edições Selo Negro. 2001. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Racismo e anti racismo na a educa%C3%A7%C3%A3o.html?id=iR8vRCbQh8C&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Racismo_e_anti_racismo_na_educacao?hl=pt&pg=PR10&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em 15 de abr. de 2019.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** Tradução Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Silva Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** In: Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SILVA, Fabiane F. da Silva; MELLO, Elena Maria B. M. (orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação** [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3ª edição – 1º reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 77 – 84.

SOARES, Mireya. **As categorias “mulher” e “gênero” no pensamento brasileiro.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 15., Caxambu, MG: ANPOCS, 1991.

SOUZA, Rafael Morais de. **Na Teia de Ananse: um griot no teatro e sua trama de narrativas de matriz africana** / Rafael Morais de Souza. - 2011.129 f. il.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WERNECK, Jurema. **Construindo a equidade.** Rio de Janeiro Criola, 2007.

Wikipédia. **Abayomi**, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abayomi>. Acesso em: 15 de jun. de 2019.